

S H E L T O N L I M A D E S O U Z A

ɛ ʃ β ɐ | ɣ ɖ ɺ ʒ

FONÉTICA E FONOLOGIA DA LÍNGUA AKWEN-XERENTE (JÊ):
ASPECTOS SEGMENTAIS

ɾ ɕ ð ʒ | ʒ ð ɔ ɾ



Edufac

SHELTON LIMA DE SOUZA

**FONÉTICA E FONOLOGIA DA LÍNGUA AKWEN-XERENTE (JÊ):
ASPECTOS SEGMENTAIS**



EDUFAC 2017

DIREITOS EXCLUSIVOS PARA ESTA EDIÇÃO:

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE (EDUFAC),

CAMPUS RIO BRANCO, BR 364, KM 4, DISTRITO INDUSTRIAL — RIO BRANCO-AC,
CEP 69920-900

68. 3901 2568 — **E-MAIL:** EDUFAC.UFAC@GMAIL.COM

EDITORA AFILIADA: FEITO DEPÓSITO LEGAL



**Associação Brasileira
das Editoras Universitárias**

SHELTON LIMA DE SOUZA

**FONÉTICA E FONOLOGIA DA LÍNGUA AKWEN-XERENTE (JÊ):
ASPECTOS SEGMENTAIS**



Fonética e fonologia da língua Akwen-Xerente (Jê): aspectos segmentais
ISBN 978-85-8236-061-3
Copyright © Edufac 2017, Shelton Lima de Souza
Editora da Universidade Federal do Acre - Edufac
Rod. BR364, KM04 • Distrito Industrial
69920-900 • Rio Branco • Acre

DIRETOR

» José Ivan da Silva Ramos

CONSELHO EDITORIAL

» Adailton de Sousa Galvão, Antonio Gilson Gomes Mesquita, Bruno Pereira da Silva, Carla Bento Nelem Colturato, Damián Keller, Eustáquio José Machado, Fabio Morales Forero, Jacó César Piccoli, José Ivan da Silva Ramos, José Mauro Souza Uchôa, José Porfiro da Silva, Lucas Araújo Carvalho, Manoel Domingos Filho, Maria Aldecy Rodrigues de Lima, Raimunda da Costa Araruna, Simone de Souza Lima, Tiago Lucena da Silva, Yuri Karaccas de Carvalho.

SECRETÁRIA GERAL

» Ormifran Pessoa Cavalcante

EDITORAS DE PUBLICAÇÕES

» Maria Iracilda Gomes Cavalcante Bonifácio
» Jocília Oliveira da Silva

DESIGN EDITORIAL / CAPA

» Rogério Correia

REVISÃO DE TEXTO

» Alexandre Melo de Sousa

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFAC

S729f Souza, Shelton Lima de.
Fonética e fonologia da língua Akwen-Xerente (Jê): aspectos segmentais / Shelton Lima de Souza. – Rio Branco: Edufac, 2017.
150 p.

ISBN: 978-85-8236-061-3

1. Língua Akwen-Xerente (Jê) – Fonética – Fonologia. 2. Índios da Akwen-Xerente – Brasil. 3. Língua Indígena. I. Título.

CDD 22.ed.498

Bibliotecária: Vivyanne Ribeiro das Mercês Neves CRB-11°/600

“Como todas as demais, as línguas dos povos indígenas do Brasil são inteiramente adequadas à plena expressão individual e social no meio físico e social em que tradicionalmente têm vivido esses povos. Embora diferentes, elas compartilham do que todas as quase seis mil línguas do mundo têm em comum: são manifestações da mesma capacidade de comunicar-se pela linguagem. Essa capacidade é uma qualidade desenvolvida pela espécie humana e se caracteriza por princípios e propriedades que, presentes em todo homem, facultam a qualquer criança desenvolver o domínio de qualquer língua, sempre que exposta ao contato com falantes dessa língua. Da mesma forma, permitem a qualquer adulto, com maior ou menor esforço, aprender línguas diferentes da sua própria.”

Aryon Dall’Igna Rodrigues em Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas

“Pingue uma gota em um oceano de significados e note que ondas concêntricas se formam. Definir uma palavra isoladamente significa tentar agarrar essas ondas; ninguém tem mãos tão ágeis. Agora, lance duas ou três palavras de uma única vez. Padrões de interferência se formam, reforçando um ao outro aqui, e cancelando-se mutuamente acolá. Alcançar o significado das palavras não é agarrar as ondas por ela originadas, mas sim perceber as interações entre essas ondulações [...]”

Robert Bringhurst em A Forma Sólida da Linguagem

“[...] É porque podemos transformar o mundo, que estamos com ele e com os outros. Não teríamos ultrapassado o nível da pura adaptação ao mundo se não tivéssemos alcançado a possibilidade de, pensando a própria adaptação, nos servir dela para programar a transformação [...]”

Paulo Freire em Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos

Dedico este trabalho a pessoas que foram fundamentais na construção desse estudo: os índios Akwen-Xerente que, pela firme resistência, ainda preservam elementos básicos de sua cultura e os meus pais, Camilo e Albertina, que me fizeram acreditar na possibilidade de realizar ações até então impossíveis.

LISTA DE SÍMBOLOS

- // Representação Fonológica
- [] Representação Fonética
- Fronteira Silábica
- σ Sílaba

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Fonemas consonânticos do Akwen-Xerente.....	35
Quadro 2 - Fonemas vocálicos do Akwen-Xerente	35
Quadro 3 - Fones consonânticos do Akwen-Xerente	38
Quadro 4 - Fones vocálicos orais do Akwen-Xerente	38
Quadro 5 - Fones vocálicos nasais do Akwen-Xerente	39
Quadro 6 - Fones consonânticos do Akwen-Xerente	40
Quadro 7 - Fones glides do Akwen-Xerente.....	40
Quadro 8 - Fones vocálicos orais do Akwen-Xerente	40
Quadro 9 - Fones vocálicos nasais do Akwen-Xerente	41
Quadro 10 - Fones vocálicos orais	44
Quadro 11 - Fones vocálicos nasais	44
Quadro 12 - Fonemas vocálicos orais.....	50
Quadro 13 - Fonemas vocálicos orais.....	50
Quadro 14 - Fonemas vocálicos nasais	51
Quadro 15 - Fones consonânticos	62
Quadro 16 - Fonemas Consonânticos.....	70
Quadro 17 - Variações Consonânticas do Akwen-Xerente	71

Introdução.....	17
Os estudos sobre línguas indígenas brasileiras	18
Os Akwen-Xerente: língua e cultura.....	23
Delimitação do estudo	24
Construto teórico.....	25
Metodologia do estudo	26
Estudos sobre a língua Akwen-Xerente e o LIBA.....	28
Estudos etnográficos sobre os Akwen-Xerente	29
Formato do livro.....	31
1. Estudos anteriores sobre a língua Akwen-Xerente	33
1.1. Estudos fonético-fonológicos da língua Akwen-Xerente	34
1.2. Mattos (1973)	34
1.2.1. Alofones consonânticos	35
1.2.2. Alofones vocálicos.....	37
1.3. Braggio (2005)	37
1.4. Grannier e Souza (2005)	39
1.5. Conclusão sobre a revisão dos estudos	42
2. Fonética e Fonologia das Vogais	43
2.1. Descrição fonética das vogais	44
2.1.1. Fones vocálicos orais	45
2.1.2. Fones vocálicos nasais	48
2.2. Descrição fonológica das vogais	50
2.2.1. Fonemas vocálicos em Akwen-Xerente	50
2.2.1.1. Oposições fonológicas.....	51
2.2.1.2. Alofonia e distribuição das vogais	52
2.2.1.2.1. Alofonia e distribuição das vogais orais.....	52
2.2.1.2.2. Alofonia e distribuição das vogais nasais	58
3. Fonética e Fonologia das Consoantes.....	61
3.1. Descrição fonética das consoantes	62
3.1.1. Fones consonânticos do Akwen-Xerente	64
3.1.1.1. Fones oclusivos.....	64
3.1.1.1.1. Fones oclusivos surdos e sonoros.....	65
3.1.1.2. Fones africados.....	66
3.1.1.2.1. Fones africados surdos e sonoros	66
3.1.1.3. Fones fricativos.....	67
3.1.1.3.1. Fones fricativos surdos.....	67
3.1.1.3.2. Fones Fricativos Sonoros	68

3.1.1.4. Fones Nasais	69
3.1.1.5. Fone lateral	69
3.1.1.6. Fones Flaps.....	69
3.2. Descrição fonológica das consoantes	70
3.2.1. Fonemas consonânticos do Akwen-Xerente	70
3.2.1.1. Oposições fonológicas.....	72
3.2.1.2. Alofonia e distribuição das consoantes oclusivas surdas.....	75
3.2.1.3. Alofonia e distribuição das consoantes oclusivas sonoras ..	79
3.2.1.4. Alofonia e distribuição das consoantes fricativas	81
3.2.1.5. Alofonia e distribuição das consoantes nasais	83
3.2.1.6. Alofonia e distribuição das consoantes flaps	84

4. Questões de interpretação fonológica..... 87

4.1. Vogais epentéticas.....	88
4.2. Vogais nasalizadas.....	89
4.3. Interpretação fonológica para os segmentos consonânticos [ϕ], [β] e [f], [v]	90
4.4. Ditongos e os glides.....	90
4.5. Sílabas, padrões silábicos e acento em Akwen-Xerente	92
4.6. Interpretação de /p/, /b/ e /t/, /d/	97
4.7. Relação das oclusivas sonoras com as nasais.....	99
4.8. Neutralização de /h/ e /t/ e de /s/ e /z/	100

Considerações Finais 103

Referências 107

PREFÁCIO

Os estudos em torno das línguas estão crescendo. Há diversos trabalhos importantes na área da Linguística que mostram à sociedade como as línguas se organizam, dando subsídio, inclusive, a outras áreas do conhecimento como a educação.

Em se tratando das línguas faladas por grupos minoritários, os estudos são incipientes. As línguas faladas por esses grupos estão, segundo os linguistas, em processo de extinção. Nesse sentido, dizer que uma língua está em processo de extinção significa constatar que determinados grupos, em pouco tempo, não mais falarão a sua língua materna e passarão a falar, somente, a língua advinda de um grupo maior, mais valorizado socialmente.

No Brasil, a perda de línguas é evidente entre os grupos indígenas. As primeiras etnias indígenas começaram a ser dizimadas no início do séc. XVI resultante da colonização portuguesa. Desde então, os indígenas vêm perdendo vários de seus direitos. Podemos citar dois, entre muitos, que são fundamentais a eles: o direito à posse da terra – muitas vezes invadida por fazendeiros ou por forças políticas impulsionadas pelo poder a qualquer preço – e o direito de falar a sua própria língua. Sem terra – ambiente onde se retira todo o seu sustento – o indígena se torna vulnerável a vários problemas sociais. Essa vulnerabilidade provoca um nível desigual entre o índio e a sociedade envolvente que pode resultar na perda de sua língua materna e, por conseguinte, de sua identidade indígena. Dessa forma, diversos graus de bilinguismo poderão ocorrer vindo a prevalecer, em vários casos, o monolinguismo em português.

O estudo descritivo/analítico de uma língua indígena brasileira, seja no nível fonético-fonológico, morfossintático ou da relação desses níveis com o meio social, é fundamental para se subsidiar programas de (re)vitalização linguística no Brasil ou programas de educação bilíngue.

Com a finalidade de diminuir os danos linguísticos causados pelo contato direto de grupos indígenas com a sociedade não-índia, diferentes centros de pesquisa pelo mundo estão registrando línguas consideradas em processo de extinção, propondo programas de (re)vitalização linguística. Embora esses projetos não sejam em larga escala, devemos considerar que são extremamente importantes. No Brasil, os centros de pesquisa que se destinam a estudar línguas minoritárias estão, na sua grande maioria, concentrados nas universidades.

É nesse ambiente de pesquisa e preocupação social com os povos indígenas que o professor e pesquisador da Universidade Federal do Acre Shelton Lima de Souza desenvolveu o livro *Fonética e Fonologia da Língua Akwen-Xerente: aspectos segmentais*. O livro, oriundo de sua pesquisa de mestrado realizada na Universidade de Brasília – UnB e de seu contato com a língua Akwen-Xerente iniciada em 2003, é uma contribuição aos estudos fonético-fonológicos das línguas indígenas brasileiras e, particularmente, à compreensão da estrutura fonético-fonológica da língua Akwen-Xerente. Neste trabalho, Shelton Lima de Souza apresenta uma re-análise segmental de fones e fonemas consonânticos e vocálicos da língua Akwen, a partir de trabalhos já existentes sobre a língua.

Assim, na introdução da obra, o autor faz algumas considerações importantes sobre o estudo de línguas indígenas no Brasil, mostrando sua importância frente aos grupos que as falam. Após essas considerações gerais sobre as línguas indígenas, o linguista descreve a organização metodológica da pesquisa; apresenta o espaço no qual estão situados os Akwen-Xerente e discute alguns aspectos sociohistóricos do grupo. Nessa parte, o pesquisador acrescenta ainda uma descrição de trabalhos antropológicos existentes sobre a etnia Akwen, fazendo menção a alguns aspectos antropológicos do grupo. No capítulo 1, **Estudos anteriores sobre a língua** Akwen-Xerente, há uma discussão referente aos trabalhos linguísticos existentes sobre a língua Akwen-Xerente. Os capítulos 2, **Fonética e Fonologia das Vogais**, e 3, **Fonética e Fonologia das Consoantes**, são uma descrição fonético-fonológica dos segmen-

tos vocálicos e consonânticos identificados na língua. O autor, no capítulo 4 intitulado **Questões de Interpretação Fonológica**, apresenta uma interpretação fonológica de alguns segmentos identificados ao longo da pesquisa, tais como: vogais epentéticas, vogais nasalizadas, ditongos e glides, padrão silábico da língua e acento, alguns tipos de neutralizações e uma interpretação fonológica específica para alguns segmentos consonânticos. Por último, nas **Considerações finais**, há um resumo das conclusões obtidas ao longo da pesquisa apresentada na obra.

Considero que o livro Fonética e Fonologia da Língua Akwen-Xerente: aspectos segmentais consegue, muito bem, chegar ao seu objetivo maior que é de contribuir com os estudos linguísticos sobre a língua Akwen-Xerente para o desenvolvimento de programas de (re)vitalização linguística e de educação bilíngue. Portanto, penso que estudos como esse do professor Shelton, estudos já existentes de outros linguistas e pesquisas futuras sobre o Akwen-Xerente podem instrumentalizar o próprio grupo Akwen a desenvolver políticas linguísticas ou educacionais que atendam às suas necessidades sociais frente à sociedade não indígena.

Océlio Lima de Oliveira

Professor da Universidade Federal do Acre - UFAC
Campus Floresta

INTRODUÇÃO

OS ESTUDOS SOBRE LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS

Nos séculos XX e XXI, apesar do considerável avanço em relação às pesquisas sobre línguas minoritárias no mundo, há muitas línguas indígenas, sobretudo, brasileiras que não são conhecidas e, conseqüentemente, não foram objeto de estudo sistemático. Essa constatação nos faz refletir sobre a possibilidade de haver um número crescente de línguas que são extintas, a cada ano, por estarem em desvantagem a uma língua utilizada nas situações socialmente valorizadas. Um estudo linguístico pode auxiliar na identificação das causas dessa extinção.

Hinton (2010) afirma que em um mundo com 250 nações, onde cerca de 6.000 línguas são faladas, há um descompasso entre a quantidade de territórios, politicamente constituídos, e as línguas efetivamente faladas pelos habitantes. Essa desproporção, para o autor, leva ao uso de uma quantidade pequena de línguas que, por questões sociohistóricas, passam a ser consideradas como línguas de governo, de comércio, de educação, acarretando a extinção de línguas de grupos minoritários.

Nesse sentido, temos no Brasil uma característica, comum em vários outros territórios, que é o da desvitalização¹ de línguas maternas de grupos indígenas – então grupos minoritários –, devido, entre outras coisas, ao deslocamento dessas línguas quando estão em contato direto com o português – língua oficial do Brasil e língua materna da grande maioria da população brasileira. Esse contato, que é de longe pacífico, promove um verdadeiro “massacre”

1. Processo pelo qual ocorre a morte de uma língua ocasionada por uma série de fatores sociais conectados a fatores de ordem linguística que ocasionam uma relação assimétrica entre línguas de povos minoritários e a língua majoritariamente usada por uma determinada comunidade linguística. Atividades de (re)vitalização seriam programas, particularmente no âmbito educacional, que impediriam a desvitalização linguística. Embora os fatores sociolinguísticos que levem à desvitalização ou à (re)vitalização de uma língua sejam muito parecidos nas diversas comunidades linguísticas existentes, estudos linguísticos nessas comunidades são extremamente importantes por mostrar qual é estado vital de uma língua: “... O estudo sociolinguístico de uma comunidade étnica indígena em um dado momento histórico, dependendo do foco de análise, pode observar processos que, já em sua origem, são indícios, pistas de uma situação que pode vir a se aprofundar à medida que a língua segue seu curso de desenvolvimento dentro de um determinado cenário... (BRAGGIO, 2010).”

das línguas indígenas brasileiras, por ser o Brasil um país que não tem uma política (multi)linguística efetiva, embora a constituição brasileira afirme que os índios devam ser respeitados quanto às suas línguas maternas:

CAPÍTULO VIII

Dos Índios

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988).

Podemos inferir dessa passagem da Constituição Federal que, dentre várias alternativas, a promoção de políticas de (re)vitalização de línguas indígenas brasileiras, por meio do ensino dessas línguas para índios de gerações mais novas, seria uma boa maneira de diminuir os níveis de desvitalização linguística existentes no país. Consequentemente, com o desenvolvimento da Linguística tendo as línguas indígenas como fonte de estudo, a promoção de grafias para a produção de textos escritos nessas línguas é uma importante ação para o processo de (re)vitalização linguística.

Assim, pelo menos em tese, os indígenas teriam assegurado o direito de estudar, permitindo a novas gerações o conhecimento de sua língua tradicional e, ainda, a sua variedade escrita, caso já houvesse um sistema gráfico. No entanto, o texto da constituição, ao afirmar que o Ensino Fundamental tem de ser em português, sendo assegurada a utilização das línguas maternas das comunidades indígenas “e processos próprios de aprendizagem”, não demonstra clareza quanto ao espaço que as línguas maternas dos índios brasileiros ocupam/ocuparão no desenvolvimento do ensino exposto pela própria constituição:

Art. 210. Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais.
§ 2.º O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988).

O que se vê, na maioria das propostas pedagógicas, é a tentativa de transposição de modelos escolares não-indígenas para integrar a educação indígena (PIMENTEL DA SILVA, 2008). O desenvolvimento da política educacional em questão ocasionou diversos problemas no tocante à valorização das línguas indígenas brasileiras, haja vista que as línguas dos índios eram utilizadas como uma espécie de “trampolim”² para a aprendizagem da língua portuguesa. Nessa perspectiva, há/havia uma desvalorização das línguas maternas dos indígenas, considerando-as inferiores em relação a línguas majoritariamente faladas:

[...] Nessa modalidade, as línguas indígenas serviam de instrumento para o ensino de português. Essa proposta se caracteriza pela subalternidade das línguas indígenas e, evidentemente, de seus falantes. Naquela época e ainda hoje, mesmo com o reconhecimento de que vivemos em um país plurilíngue, de que os indígenas têm direito a uma educação específica, diferenciada e de qualidade, persistem a hierarquização do bilinguismo e, conseqüentemente, a desvalorização das línguas indígenas, pois ainda se crê que essas línguas não sejam importantes e que sejam inferiores a outras línguas, como o português e o inglês (PIMENTEL DA SILVA, 2008, p. 110).

2. Esse pensamento de que é necessário saber uma língua para aprender outra é comum. Em certa ocasião, ouvi de um professor brasileiro, especialista em uma língua estrangeira, que para os seus alunos aprenderem melhor a língua ensinada por ele, seria necessário saber primeiro “português”. O professor em questão estava fazendo referência ao português escrito e sua nomenclatura normativa. Segundo o docente, os alunos não aprendiam a língua, porque não sabiam as regras normativas do português. Essa postura acerca do ensino de línguas estrangeiras não tem nenhuma fundamentação científica.

Antes da Constituição de 1988, os estudos indígenas, desde a colonização, passando pelos séculos XVI ao XIX, eram centrados em estudos produzidos por missionários e “pesquisadores”, principalmente historiadores e antropólogos. Aqueles com intuito de estudar as línguas dos povos indígenas para se comunicar com eles e catequizá-los e estes descreviam as culturas indígenas, até então desconhecidas de europeus. Segundo Câmara Jr. (1965), os trabalhos dos missionários centraram-se, na sua grande maioria, na língua Tupi (também chamada de Brasília e Tupinambá), cujo estudo era, meramente, para facilitar a comunicação com os povos que estavam sendo catequizados e, consubstancialmente, facilitar o processo de implementação do catolicismo no Brasil. Os estudos linguísticos dos missionários, ainda discutidos por Câmara Jr. (1965), eram feitos a partir de modelos desenvolvidos em gramáticas do grego e do latim.

Na segunda metade do século XX, com o desenvolvimento da linguística no Brasil, começam a aparecer centros de pesquisa no país interessados em analisar línguas indígenas, pois, até então, havia um desnivelamento entre esse interesse e o número de linguistas brasileiros: poucos eram os pesquisadores preocupados em fazer estudos científicos em torno da linguagem humana. Mesmo assim, esses estudos surgiam como uma necessidade de se documentar as línguas faladas em comunidades indígenas, principalmente pela influência que os poucos linguistas no Brasil recebiam de pesquisas europeias e norte-americanas que estudavam o processo de desvitalização de línguas de populações minoritárias.

Atualmente, existem diferentes centros de pesquisa, dentre universidades e órgãos especializados, que se dedicam ao estudo teórico e descritivo das línguas indígenas faladas no Brasil. Embora o número tenha aumentado, ainda temos uma

considerável quantidade de línguas que necessitam de um estudo mais sistemático.

Crystal (2000) propõe uma função social à linguística, que é o estudo de línguas, em uma perspectiva sociolinguística, por elas estarem sujeitas ao perigo de extinção. Além disso, o autor discute que se faz necessário construir modelos teóricos que se ocupem das especificidades apresentadas pelas comunidades de fala indígenas.

No Brasil, Rodrigues (1994) discutiu que uma das funções da linguística é documentar (analisar e descrever) as línguas indígenas brasileiras. Segundo o mesmo autor, são faladas cerca de 170 línguas indígenas (número questionado pelo próprio Rodrigues)³. Para o autor, a linguística tem uma tarefa fundamental (ou tarefa social) que é a documentação das línguas indígenas faladas pelos diferentes grupos indígenas brasileiros:

As línguas indígenas constituem, pois, um dos pontos para os quais os linguistas brasileiros deverão voltar a sua atenção. Tem-se aí, sem dúvida, a maior tarefa da linguística no Brasil... (1966, p. 5).

Foi apoiando-me nessa conjuntura e interessado em estudar linguística que, em 2003 – como aluno de graduação em Letras e aluno de Iniciação Científica, ambos na Universidade de Brasília – UnB –, comecei a pesquisar a língua Akwen-Xerente (mais detalhes sobre essa língua e povo que a fala v. Capítulo 1) como membro do projeto de pesquisa Fonologia da Língua Xerente desenvolvido pela Profa. Dra. Daniele Marcelle Grannier. Este projeto estava vinculado ao projeto interinstitucional entre a Universidade de Brasília – UnB e a Universidade Federal de Goiás – UFG, intitulado LIBA – “Línguas Indígenas Brasileiras Ameaçadas: Documentação (Análise

3. Sobre isso, Rodrigues afirma: “Falam-se no Brasil, hoje em dia, umas 170 línguas indígenas. Quantas, exatamente, não sabemos, não só porque até hoje não se incluem nos recenseamentos oficiais brasileiros informações linguísticas, nem informações sobre os povos indígenas, mas também porque línguas são coisas muito difíceis de contar, mesmo quando são bem conhecidas... (RODRIGUES, 1994, p. 18 e 19)”.

e Descrição) e Tipologias Sociolinguísticas”, coordenado pela Profa. Dra. Sílvia Lucia Bigonjal Braggio da UFG. Esse trabalho inicial com os Akwen foi o primeiro passo para o desenvolvimento, de 2006 a 2008, da minha dissertação de mestrado “Descrição Fonético-Fonológica da Língua Akwen-Xerente”, cujos objetivos principais se centraram na documentação dessa língua por ela estar em processo de desvitalização (BRAGGIO, 1986, 1989, 1992, 1995, 2010)/ (BRAGGIO e MESQUITA, 2011). Neste livro, exponho os principais resultados da pesquisa que desenvolvi durante o mestrado.

Os linguistas do projeto LIBA entendem que a análise/descrição das línguas indígenas, em seu aspecto estrutural e na sua relação com o meio social, é a base para o desenvolvimento de programas de (re)vitalização linguística. O estudo fonético-fonológico ajudaria no processo de (re)vitalização do Akwen-Xerente, oferecendo subsídio para propostas de educação bilíngue, já que o ensino da língua materna a gerações de índios mais novas é uma prática relevante para a (re)vitalização de uma língua tradicional (BRAGGIO, 2010 e PIMENTEL DA SILVA, 2008).

OS AKWEN-XERENTE: LÍNGUA E CULTURA

A língua Akwen-Xerente ou simplesmente Xerente, classificada por Rodrigues (1994) como pertencente à família Jê e ao tronco Macro-Jê, encontra-se entre as línguas ameaçadas de extinção e essa descrição pretende contribuir para sua (re)vitalização e oferecer resultados aplicáveis a programas de educação bilíngue. A língua é falada pelo povo de mesmo nome, Akwen-Xerente, que vive à margem esquerda do rio Tocantins – em aldeias próximas ao município de Tocantínia – região central do Estado de Tocantins, cerca de 90 Km ao norte de Palmas e contabiliza mais de 3.000 indivíduos.

Segundo Luz (2005), a população Akwen-Xerente vem se recuperando depois de um longo período de declínio populacional registrado desde os primórdios do contato com a sociedade não-índia. O declínio populacional, entretanto, foi estancado no início do século XIX. Somente no século XX, o processo foi revertido, devido em grande parte a uma série de melhorias na assistência à saúde, que trouxe também, conseqüentemente, melhorias na qualidade de vida, levando o povo Akwen-Xerente a um patamar jamais visto de crescimento populacional. Segundo Darcy Ribeiro *apud* Luz (2005), eram cerca de 350 em 1957 e, após a reversão do processo, o censo demográfico de 2004 registra uma população em torno de 2.455 indivíduos (FUNASA, 2004).

Essa população encontra-se espalhada em 43 aldeias, dispersas aleatoriamente pelo território Akwen-Xerente, as quais 25 delas surgiram nos últimos dez anos. As maiores aldeias são Porteira, Salto, Funil, Rio do Sono e Brejo Comprido⁴ (SCHOROEDER, 2010).

DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

Esta pesquisa sobre a língua Akwen-Xerente inseriu-se no projeto de análise da Fonologia da língua, tendo a Prof. Dra. Daniele Marcele Grannier como coordenadora. O estudo em questão estava vinculado ao projeto interinstitucional UnB/UFG “Línguas Indígenas Brasileiras Ameaçadas: Documentação (Análise e Descrição) e Tipologias Sociolinguísticas” – LIBA coordenado pela Profa. Dra. Silvia Lucia Bingonjal Braggio da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Preocupando-me com a situação indígena brasileira é que me inseri no projeto sob orientação da Profa. Daniele. O primeiro estudo que realizamos com a língua Akwen-Xerente foi em

4. Para maiores esclarecimentos sobre o aumento de aldeias nas Terras Indígenas Xerente, ver Schroeder (2010).

junho de 2003 e, desse ano a 2004, utilizamos gravações, em fitas K7, do banco de dados do projeto LIBA. Em 2005, fiz as minhas próprias gravações com os Akwen-Xerente, construindo o meu próprio banco de dados da língua. Desde então, venho utilizando-me desses dados para estudos posteriores.

CONSTRUTO TEÓRICO

A primeira parte deste trabalho objetiva abordar tópicos de estudos etnográficos, visando à instauração de um quadro contextual da comunidade de Fala Akwen-Xerente. Considera-se importante abordar aspectos etnográficos devido à necessidade de linguistas, especificamente os que trabalham com etnias minoritárias e com línguas em perigo de extinção, em conhecer a cultura para uma melhor análise linguística e, também, para o devido conhecimento do povo com o qual se está trabalhando. Para situar o estudo linguístico no contexto etnográfico, consideramos os seguintes trabalhos: Nimuendajú (1942), Lévi-Strauss (1976-1964), Maybury-Lewis (1979-1984) e Luz (2005).

Neste trabalho, a Fonética e a Fonologia do Akwen-Xerente são apresentadas no quadro geral da Linguística Descritiva. Assim, são considerados os conceitos predominantemente distributionalistas, adotando-se os conceitos e termos de Pike (1947) e Câmara Jr (1959). No campo da Fonética e da Fonologia, recorre-se a Ladefoged e Maddieson (1996) e Ladefoged (2001) assim como no campo da Fonologia, recorre-se a Troubetzkoy (1949), Jakobson, Fant e Halle (1972), entre outros.

Além disso, procuramos nos ater aos usos de termos que estão se consagrando no quadro da descrição das línguas indígenas brasileiras sempre que possível, adaptando-os às necessidades da Fonética e Fonologia.

METODOLOGIA DO ESTUDO

Foram coletadas narrativas em viagens de campo, contendo histórias pessoais, histórias de grupos, rituais, etc. em diversas versões contadas ou pelo mesmo sujeito em diferentes ocasiões ou por diferentes sujeitos. Após um primeiro estudo fonológico no âmbito do programa de Iniciação Científica da UnB, que resultou no trabalho “Fonologia Segmental da Língua Xerente” em co-autoria com Daniele Marcelle Grannier, realizei duas idas a campo, a primeira em junho e a segunda em dezembro, ambas de 2005, cujos dados coletados foram: (1) listas de palavras visando à obtenção de pares mínimos e análogos, preparadas com base no dicionário escolar Xerente-Português Português-Xerente de Krieger e Krieger (1994). Contamos com dois auxiliares de pesquisa principais: Bonfim Xerente e sua esposa Selma, (2) relatos do dia-a-dia da vida Akwen-Xerente, em entrevistas individuais e (3) relatos do dia-a-dia da vida Akwen-Xerente, em situação formal de sala de aula. Coletamos esses relatos no curso de formação de professores indígenas realizado na cidade de Tocantínia-TO em 2006. Os professores que nos auxiliaram na pesquisa foram: Jeová Xerente, Noemi da Mata Xerente e Edite Smikidi⁵.

Bonfim e Selma moram na cidade de Tocantínia durante o período letivo escolar de seus filhos, retornando à aldeia quando as aulas acabam. Bonfim, junto com outro índio Akwen-Xerente, Lázaro, nas eleições municipais de 2004, se candidataram a vereador, sendo os dois eleitos. Bonfim e Lázaro são os representantes dos Akwen-Xerente na câmara municipal. Selma organiza reuniões com as mulheres da aldeia para discutirem assuntos diversos.

Em janeiro de 2007, na cidade de Goiânia – GO, tivemos oportunidade de coletar dados também com alguns Akwen-Xerente

5. Além dos Xerente, estavam também no curso de formação de professores indígenas outras etnias como: Apinajé, Krahô e Karajá.

que cursavam a graduação em Licenciatura Intercultural da UFG⁶. Fizemos gravações com dois professores Akwen-Xerente: Silvino e Valci.

Silvino tem 32 anos. Nasceu na Aldeia Centro, mas, atualmente, mora na Aldeia Salto. Antes de ser professor, Silvino foi agente de Saúde nas aldeias, mas por causa de desentendimentos com funcionários da Funasa, desistiu de trabalhar para o órgão. Hoje, dá aulas de Educação Física no Centro de Ensino Médio Indígena Xerente (CEMIX) que fica a 12 km de Tocantínia. Ele tem dois filhos: um menino de nove anos e uma menina de sete anos, ambos bilíngues em Akwen-Xerente -Português⁷. Silvino, por ter um bom conhecimento de português, está auxiliando a tradução da bíblia do português para o Akwen-Xerente. A religião predominante entre os Akwen-Xerente é a protestante, provavelmente pela longa estadia de missionários protestantes entre eles como Rinaldo de **Mattos**, o casal Maybury-Lewis e o casal Krieger e Krieger.

Valci tem 24 anos e sempre foi professor na aldeia Recanto, onde mora. Apesar da pouca idade, já é casado (o casamento de jovens de pouca idade é comum entre os Akwen-Xerente) e tem três filhos, todos falantes bilíngues de Akwen-Xerente-Português. Com esses dois auxiliares de pesquisa, fizemos coletas de narrações e frases soltas, além de informações culturais sobre o grupo.

Após a revisão de trabalhos já existentes na área, seguiram-se os seguintes procedimentos: as gravações foram transcritas foneticamente, utilizando basicamente os símbolos da Associação Internacional de Fonética (IPA), com algumas adaptações quando necessário. Para a identificação e caracterização dos fones, usaram-se os trabalhos de Ladefoged e Maddieson (1996) e Weiss (1988). Levamos em consideração que na Fonética são analisados os sons

6. Além dos Akwen-Xerente, outras etnias como Karajá, Apinajé, Tapirapé, também estão fazendo a licenciatura.

7. Informações dadas pelo próprio auxiliar de pesquisa.

vocais (fones)⁸ utilizados nas línguas humanas em suas diversas realizações, sem focalizar sua função e seu significado.

A partir da descrição fonética dos fones do Akwen-Xerente e da análise de suas funções, foi feita uma descrição fonológica, utilizando propostas metodológicas já consolidadas nessa área do conhecimento, como as de Pike (1947), Trubetzkoy (1971) e Jakobson, Fant e Halle (1972). Na fonologia, os fones descritos pela Fonética serão tratados do ponto de vista da função que apresentam em estruturas complexas e de seu teor distintivo. Para a descrição de fones e fonemas, adotamos uma abordagem articulatória.

Por último, os resultados dessa análise foram comparados com descrições de Mattos (1973), Braggio (2005) e Grannier e Souza (2005).

ESTUDOS SOBRE A LÍNGUA AKWEN-XERENTE E O LIBA

Além de trabalhos sociolinguísticos (Braggio 1992, 1997, 1998, 1999, 2000, 2002, 2003 e 2005), há estudos descritivos da língua Akwen-Xerente. O primeiro trabalho de descrição fonológica foi o de Mattos (1973) intitulado “Fonêmica Xerente” e depois foi confeccionado um dicionário bilíngue por Krieger e Krieger (1994), missionários da Junta das Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira. Ambos são utilizados até hoje pelo grupo para desenvolver cartilhas ou outros materiais para a alfabetização bilíngue dos jovens Akwen-Xerente. Em 2003, a Professora Silvia Lucia Bingujal Braggio da Universidade Federal de Goiás criou o projeto LIBA, cujo objetivo maior é a análise/descrição e tipologias sociolinguísticas do grupo. Esse projeto, além dos Akwen-Xerente, engloba também outras etnias indígenas brasileiras.

8. Adotamos o termo **fone**, na maioria da descrição, para distinguir sons considerados em seus aspectos puramente fonéticos de sons com caráter fonológico, para os quais adotamos o termo **fonemas**.

Os objetivos específicos do LIBA são: (i) documentar, descrever e analisar línguas ameaçadas e (ii) desvelar as situações sociolinguísticas para contribuir com ações educacionais e outras que permitam a (re)afirmação e (re)vitalização das línguas que estão no projeto. Além dos Akwen-Xerente, há no projeto estudos sobre vários grupos de famílias linguísticas diferentes como Chiquitano, Jabuti, Bakairi e Terena. Diversos estudos sobre os Akwen-Xerente já foram desenvolvidos no âmbito desse projeto: Braggio (2003a e 2003b) e (2005); Grannier (2005); Mesquita (2009); Siqueira (2003); Sousa Filho (2000), (2003), (2004 2004a, 2004b e 2004c), (2005) e (2007); Souza (2008); Grannier & Souza (2005) e Vieira (2005). Em Braggio (2003a e 2003b) e (2005), Mesquita (2009), Sousa Filho (2000) e Vieira (2005) foram tratados aspectos tipológico-sociolinguísticos e de aquisição de primeira e segunda língua (código oral e escrito), enquanto que em Grannier (2005), Siqueira (2003), Sousa Filho (2003), (2004a, 2004b e 2004c), (2005) e (2007), Grannier & Souza (2005) e Souza (2008) desenvolveram-se descrições da estrutura da língua Akwen-Xerente, desde análise fonético-fonológica até aspectos morfossintáticos.

ESTUDOS ETNOGRÁFICOS SOBRE OS AKWEN-XERENTE

Para fazer algumas considerações sobre aspectos etnográficos do povo Akwen-Xerente, utilizaremos informações de antropólogos que trabalharam ou ainda trabalham com os Akwen-Xerente e apresentam informações relevantes sobre o grupo.

Luz (2005, p.14) afirma que se pode dividir a história do povo Akwen-Xerente em cinco fases. A primeira fase, que ele chama de pré-etnográfica, se baseia em documentos como atas, correspondências oficiais, notas em livros, cartas das províncias, notícias de jornais e relatos sobre conflitos entre indígenas e não-indígenas.

Ainda segundo o mesmo autor, a segunda fase dos estudos etnográficos do povo Akwen-Xerente refere-se ao trabalho do etnógrafo Curt Nimuendajú, que na década de 30, fez um registro do grupo. Nimuendajú realizou suas pesquisas etnográficas entre o grupo em duas ocasiões durante os anos de 1930 e 1937. Com a parceria de Robert Lowie, que fez a tradução do alemão para o inglês da obra *The Sherente*, em 1942. Esse trabalho é considerado, até hoje, a etnografia mais completa do grupo. Segundo Mellati (2005, p. 17), Curt Nimuendajú pode ser considerado “o mais notável pesquisador das sociedades indígenas, pela extensão do seu trabalho e pela dedicação com que se voltou a elas”. Entre os Akwen-Xerente, ele trabalhou com o auxílio do Social Science Institute of Califórnia University, contando com o apoio do antropólogo norte-americano Robert Lowie. De sua extensa obra, destacam-se sua etnografia *The Sherente* (1942) e a fase que vai de 1928 a 1940, onde predominam suas atividades entre grupos do tronco linguístico Macro-Jê. Durante esse período, Nimuendajú fez inúmeras e alternadas visitas aos grupos indígenas que pesquisava, entre os quais os Apinajé, os Ramkokamekrá e os Akwen-Xerente, de onde resultaram, além da etnografia sobre os Akwen-Xerente, uma etnografia sobre os Apinajé, *The Apinajé*, (1939) e uma descrição etnográfica sobre o grupo étnico Canela (The Eastern Timbira). Nimuendajú esteve entre os Akwen-Xerente primeiramente em 1930, quando passou um mês e quinze dias e posteriormente em 1937 quando permaneceu dois meses e vinte dias.

A terceira fase de estudos desse grupo se deu com o casal David e Pia Maybury-Lewis que durante um ano permaneceu envolvido com os Akwen-Xerente, no período entre 1955 e 1956. Durante esse ano, Mayburi-Lewis publicou quatro artigos e fez um diário de campo onde registrou suas reflexões antropológicas, chamado de *The Savage and the Innocent* (1990). Neste trabalho, o autor relata

suas experiências entre os Akwen-Xerente e os Akwen-Xavante (grupo que Mayburi-Lewis teve contato em outro momento).

A quarta fase de estudos, que vai da década de 60 até o final da década de 80, descrita por Luz (2005), é caracterizada pela falta de estudos sobre o grupo indígena, a não ser por pesquisadores do convênio Harvard-Museu Nacional. A quinta fase de estudos, iniciada no final do século XX e que continua no século XXI, é constituída por um conjunto de estudos com relatórios sobre impacto ambiental das hidrelétricas, censos, diagnósticos etno-ambientais e outros estudos com base sócio-econômica. O autor salienta que tais estudos feitos por entidades governamentais e, principalmente, pela iniciativa privada visam a avaliar o impacto social das hidrelétricas executados por esses órgãos.

Quanto à análise cultural e linguística, há um novo aporte do mundo acadêmico, onde se destacam os trabalhos de Mattos (1973), Krieger & Krieger (1994), entre outros, além das contribuições dos pesquisadores do projeto LIBA, descrito na seção 1.4, acima.

FORMATO DO LIVRO

Após essa introdução, o **Capítulo 1** tratará de uma revisão dos trabalhos linguísticos – na área de sociolinguística e fonética e fonologia – sobre os Akwen-Xerente, enfatizando a importância, de um estudo subsequente a estes, para a compreensão da estrutura fonético-fonológica da língua nos dias atuais.

No **Capítulo 2**, será apresentada a descrição fonético-fonológica das vogais do Akwen-Xerente, descrevendo aspectos da organização fonética e, posteriormente, a da organização fonológica da língua. Já no **Capítulo 3**, há uma descrição fonético-fonológica das consoantes.

O **Capítulo 4** destacará alguns aspectos da fonologia do Akwen que careciam de uma interpretação fonológica mais apurada, embora o trabalho esteja centrado na descrição segmental.

E, por fim, as considerações finais do trabalho, intensificam a ideia de que se faz necessário fazer pesquisas periódicas em torno de línguas indígenas ameaçadas de extinção para se compreender o seu estado vital e, conseqüentemente, ampliar as ações para combater o seu desaparecimento.

CAPÍTULO 1

ESTUDOS ANTERIORES SOBRE A LÍNGUA AKWEN-XERENTE

Este capítulo visa a apresentar a revisão bibliográfica das descrições fonético-fonológicas feitas antes da pesquisa que originou este trabalho. Os trabalhos revisados foram de: Mattos (1973), Braggio (2005) e Grannier e Souza (2005).

1.1. ESTUDOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS DA LÍNGUA AKWEN-XERENTE

A maioria dos trabalhos de linguística existente sobre a língua Akwen-Xerente enfoca principalmente aspectos sociolinguísticos, sintático-morfológicos e fonológicos. Com este trabalho de descrição linguística, pretendemos contribuir para o aprofundamento do conhecimento fonético-fonológico da língua.

Neste capítulo, apresentamos, inicialmente, uma revisão de trabalhos descritivos de Fonética e Fonologia, nos quais são estudadas consoantes e vogais do Akwen-Xerente.

O primeiro estudo de fonologia da língua foi publicado em 1973 por Rinaldo de Mattos, missionário da organização Missão Novas Tribos do Brasil. Depois, em 1994, Krieger & Krieger publicaram o *Dicionário Escolar: Xerente-Português Português-Xerente*. Krieger & Krieger também se basearam no trabalho de Mattos para a escrita da língua no dicionário. Durante muitos anos, apenas esses dois trabalhos descreveram a língua Akwen-Xerente. Só em 2003, iniciou-se um projeto de (re)vitalização, surgindo daí novos trabalhos de descrição da língua (v. Introdução – Capítulo 1). Neste projeto, desenvolveram-se dois artigos de caráter fonético-fonológico que são: o artigo “Revisitando a fonética/fonologia da língua Xerente Akwen: uma visão comparativa dos dados de Martius (1866) a Mayburi-Lewis (1965) com os de Braggio de (2004)”, de Braggio (2005) e “Fonologia Segmental da Língua Xerente”, de Grannier e Souza (2005)⁹. Segue-se, abaixo, uma breve revisão desses trabalhos.

1.2. MATTOS (1973)

O trabalho de Mattos, “Fonêmica Xerente”, consiste em uma descrição dos fonemas da língua Akwen-Xerente.

9. Trabalho apresentado no Simpósio integrado de letras “Linguagem: múltiplos olhares” análise do discurso / educação e línguas indígenas / gramática funcional / lírica e contemporaneidade: percursos, promovido pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG), em 07 de outubro de 2005.

Abaixo, segue-se uma resenha dos principais pontos fonológicos abordados por ele: Segundo Mattos, há 10 fonemas consonânticos, entre os quais se inclui um glide /w/, e 14 fonemas vocálicos.

Mattos apresenta dois quadros (1 e 2) de fonemas, reproduzidos abaixo, e descreve as variações alofônicas resumidas a seguir:

Quadro 1 - Fonemas consonânticos do Akwen-Xerente

		Bilabial	Labial	Alveolar	Velar	Glotal
Oclusiva	Oral	p		t	k	
	Nasal	b		d		
Contínua	Sonora	w		z		
	Surda			s		h
Vibrante				r		

Fonte: Mattos (1973)

Quadro 2 - Fonemas vocálicos do Akwen-Xerente

	Anterior	Central	Posterior
Alta	i ĩ	i	u ũ
Média	e ě	ə	o
Baixa	ε ε	a ã	ɔ ɔ

Fonte: Mattos (1973)

1.2.1. ALOFONES CONSONÂNTICOS

Em sua análise, Mattos identifica duas séries de oclusivas orais e nasais. As oclusivas orais são surdas e se realizam em três pontos de articulação: labial /p/, alveolar /t/, e velar /k/. Com respeito a esses fonemas, o autor descreve as seguintes realizações em Mattos (1973):

/p,t,k/ apresentam variantes ligeiramente aspiradas [p^h,t^h,k^h], distribuídas da seguinte maneira: [p^h] ocorre precedendo a vogal /i/, [t^h] ocorre precedendo as vogais /i,u/ e [k^h] ocorre precedendo as vogais /i,e,ε,e/;

- /k/ apresenta mais uma variante: [g] vozeada, que ocorre em variação [k] seguindo a vogal [i]: como em /tikwa/ ‘nome indígena’, que se realiza [tigwa] ~ [tikwa];
- /b/ tem uma variante [b] oral em início de sílabas que contém vogais orais e uma variante nasal [m] em início de sílabas que contém vogais nasais em posição final de sílaba: /kuba/ ‘canoa’ [k^huba] e /ba/ ‘ema’ [mã];
- /d/ tem uma variante oral [d] em início de sílabas que contém vogais orais, uma variante nasal [n] em início de sílabas que contém vogais nasais e uma variante semivogal nasalizada [j] que ocorre no final de sílaba, exemplificadas em: /dadi/ ‘ventre’ [dadi], /doze/ ‘milho’ [nõze] e /dadõdto/ ‘língua’ [danõjto].
- /h/ apresenta-se surda na maioria dos exemplos mas, às vezes, entre vogais é sonora. Em certas palavras /h/ está se perdendo na fala dos jovens: /wahu/ ‘época da seca’ [wahu] ou [wau] e /pahidi/ ‘com medo’ [pahidi] ou [paidi].

Mattos identifica um alofone vibrante simples alveolar sonora [r], que ele caracteriza como “flap retroflexado” e exemplifica como: /robwa/ ‘gordura’ [romwa].

1.2.2. ALOFONES VOCÁLICOS

Com relação aos fonemas vocálicos, o autor apresenta uma regra de alofonia: a vogal /e/ tem uma variante alta aberta [u] que ocorre seguindo /r/, enquanto /o/ tem uma variante alta aberta [ʊ] que ocorre seguindo /s/ e /z/ na “fala rápida”: /ture/ ‘menino’ que se realiza [turt] e /bbizo/ ‘buscar lenha’ que se realiza [mmizu].

1.3. BRAGGIO (2005)

De cunho sociolinguístico o artigo “Revisitando a Fonética/Fonologia da língua Xerente Akwen : uma visão comparativa dos dados de Martius (1866) a Mayburi-Lewis (1965) com os de Braggio (2004)”, de Braggio (2005), analisa aspectos fonético-fonológicos de diferentes gerações com intuito de verificar o grau de vitalidade ou obsolência da língua. Braggio registrou a constante afirmação dos jovens Akwen-Xerente de não entender o que dizem os mais velhos. O *corpus* de Braggio é composto de dados, trabalhados a partir de 2003 com diferentes gerações: (i) de 12 a 20 anos (que ela chama de mais jovens); (ii) de 21 a 49 anos (denominado pela autora de relativamente jovens) e de (iii) 50 anos em diante (classificado como mais velhos). O material colhido para análise incluía palavras isoladas, frases, conversações e textos orais e escritos.

A autora constatou que o problema do não entendimento dos jovens da língua dos “mais velhos” não se devia a aspectos estruturais da língua, e sim à presença de numerosos empréstimos do português no Akwen-Xerente. Junto da questão dos empréstimos, a autora aponta para mudanças fonético-fonológicas na língua Akwen-Xerente nas documentações disponíveis de etnólogos: Martius (séc. XIX), Mayburi-Lewis (séc. XX) e as análises mais recentes do grupo LIBA (séc. XX e séc. XXI).

A partir de seus dados de 2004, Braggio identifica uma “Matriz fonética provisória” que apresentamos em forma de quadros, abaixo:

Quadro 3 - Fones consonânticos do Akwen-Xerente

	Bilabial	Labial	Alveolar	Velar	Glotal
Oclusiva + voz – voz	b p		d t		
Oclusiva – voz				k	
Oclusiva + voz					g
Nasal + voz	m		n		
Fricativa + voz + retroflexa			ʒ		
Fricativa – voz + retroflexa			ʂ		
Fricativa – voz					h
Tepe + voz			r		
Aproximante + voz		w			

Fonte: Braggio (2005)

Quadro 4 - Fones vocálicos orais do Akwen-Xerente

	Anterior	Central	Posterior
Alta	i	i	u
Média	e		o
	ɛ		
Baixa		a	

Fonte: Braggio (2005)

Quadro 5 - Fones vocálicos nasais do Akwen-Xerente

Anterior	Central	Posterior
ĩ		ũ
ẽ	ã	õ

Fonte: Braggio (2005)

Foi especialmente útil para o nosso trabalho a identificação por Braggio de características fonético-fonológicas atuais da língua Akwen-Xerente, tais como: a presença do segmento consonântico retroflexo [ʂ] e a variação sincrônica [b] ~ [p] e [d] ~ [t]¹⁰: [bu'du] ~ [pu'du] ~ [pdu] 'pescoço', [bdu] ~ [btu] ~ [ptu] 'pescoço', [rdu] ~ [r tu] 'áspero', [ai'kte] ~ [ai'kde] 'criança', [tbe] ~ [tpe] 'peixe'.

Além disso, a autora assinala também a tendência de apagamento de [r] em sílabas Cr(C)V: [krwa'par] ~ [køwa'par] 'ouvir' e a variação entre vogais médias fechadas e abertas [o] ~ [ɔ], como em: [nõi'to] ~ [nõi'tɔ] 'língua' e [spo'kre] ~ [spɔ'kre] 'orelha', assim como a variação entre [e] ~ [ɛ], como em: [zawre'di] ~ [zawɛ'di] 'ser grande', [seki'di] ~ [seki'di] 'orelha' e [aik'te] ~ [aik'tɛ] 'criança'.

1.4. GRANNIER E SOUZA (2005)

O trabalho de Grannier e Souza é de natureza sincrônico, ou seja, a descrição é feita baseando-se em dados coletados em 2003, 2004 e 2005, incluindo uma re-análise do trabalho de Mattos (1973), enfocando, em especial, a situação fonológica de /b/, /m/ e /d/, /n/.

Os dados analisados por Grannier e Souza apresentam os seguintes fones consonânticos¹¹:

10. Os destaques em negrito são nossos.

11. Para fins de formatação neste trabalho, a tabela dos fones consonânticos do Akwen-Xerente, segundo Grannier e Souza, é reproduzida aqui com os nomes dos pontos e modos de articulação do original abreviados: Bilabial (B), Lábio-dental (L), Dental (D), Alveolar (A), Retroflexo (R), Palatal (P), Velar (V) e Glotal (G), além dos modos de articulação Oclusivo (O), Africado (A), Fricativo (Fr), Nasal (N), LA (lateral) e Flap, e também, das características laríngicas, surdo (Su), ejetivo (E) e sonoro (So) e um ponto de articulação glide (Gl).

Quadro 6 - Fones consonânticos do Akwen-Xerente

		B		L	D	A		R	P	V	G
O	Su	p	p ^ˀ			t	t ^ˀ			k	
	E	p'				t'				k'	
	So	b	b ^ˀ		d	d				g	
A						tʃ					
						dʒ					
Fr	Su	ϕ		f		s		ʃ	x	h	
	So	β		v		z			y	fi	
N		m	m ^ˀ			n	n ^ˀ	ɲ			
LA						l					
Fl						r		ɾ			

Fonte: Grannier e Souza (2005)

Os autores ainda apresentam 3 fones glides na língua Akwen-Xerente: [j], [j] e [w], distribuídos no quadro 7:

Quadro 7 - Fones glides do Akwen-Xerente

Anterior		Posterior
Oral	Nasal	Oral
j	ḵ	w

Fonte: Grannier e Souza (2005)

Ainda, segundo os mesmos autores, foram encontrados em seus dados 31 fones vocálicos, sendo 18 orais e 13 nasais, respectivamente:

Quadro 8 - Fones vocálicos orais do Akwen-Xerente

		Anterior	Central	Posterior
		Não-arredondada	Não-arredondada	Arredondada
Alta	Fechada	i	ɨ	u
	Aberta	ɪ	ɨ̃	ʊ

		Anterior	Central	Posterior
		Não-arredondada	Não-arredondada	Arredondada
Média	Fechada	e e:	ə	o o:
	Aberta	ɛ		ɔ
Baixa	Fechada		ɐ	
	Aberta		a a:	

Fonte: Grannier e Souza (2005)

Quadro 9 - Fones vocálicos nasais do Akwen-Xerente

		Anterior	Central	Posterior
		Não-arredondada	Não-arredondada	Arredondada
Alta	Fechada	ĩ	ĩ	ũ
	Aberta	ĩ	ĩ	õ
Média	Fechada	ẽ	ẽ ẽ	õ õ:
	Aberta	ẽ		õ

Fonte: Grannier e Souza (2005)

Nota-se nas tabelas acima, que só ocorrem fones alongados, tanto orais como nasais, entre as vogais médias fechadas.

A análise final de Grannier e Souza (2005) recupera muitos pontos da análise de Mattos (1973) e apresenta novas considerações, tais como: a interpretação de alguns fonemas e a ocorrência de variações consonânticas e vocálicas, entre os quais destacamos: (1) a palatalização de consoantes provocada pela presença do fonema /i/; (2) a proposta de três séries de consoantes: oclusivas surdas, oclusivas sonoras e nasais, nos pontos de articulação bilabial e alveolar.

Os autores chegaram à identificação de doze fonemas consonânticos: / p t k b d m n r s z w h/, doze fonemas vocálicos, sendo nove orais /i i u e ə o ɛ ɔ a/ e três nasais /ẽ ã õ/.

1.5. CONCLUSÃO SOBRE A REVISÃO DOS ESTUDOS

Neste trabalho, recuperamos muitos pontos das descrições anteriores – Mattos (1973) e Grannier e Souza (2005) – e incluímos diversos aspectos apontados por Braggio 2005, como se poderá ver nas descrições das vogais (Capítulo 3) e das consoantes (Capítulo 4). Além disso, apresentamos alguns pontos novos e continuamos a discussão de uma questão especialmente desafiadora na Fonologia do Akwen-Xerente, a saber, se há duas ou três séries de segmentos consonânticos bilabiais ou alveolares, discussão iniciada por Mattos em 1973 e retomada por Grannier e Souza em 2005.

CAPÍTULO 2

FONÉTICA E FONOLOGIA DAS VOGAIS

Este capítulo visa a fazer uma descrição fonético-fonológica das vogais do Akwen-Xerente. No primeiro momento, serão apresentadas as tabelas de fones encontrados nas transcrições e a seguir serão oferecidas listas de ocorrências para cada som. Em seguida, será apresentada a análise fonológica para as vogais do Akwen-Xerente com a distribuição de cada fonema e de seus alofones.

2.1. DESCRIÇÃO FONÉTICA DAS VOGAIS

Os fones vocálicos do Akwen-Xerente incluem fones orais e nasais anteriores, centrais e posteriores em diferentes graus de altura: [i], [ĩ], [ɪ], [ɪ̃], [e], [e:], [ə], [ɛ], [ɐ], [a], [a:], [u], [u], [o], [o:], [ɔ], [ɔ:], [ĩ], [ĩ̃], [ẽ], [ẽ̃], [ẽ̃:], [ẽ̃], [ũ], [õ], [õ:] e [õ̃] como se vê nos quadros abaixo:

Quadro 10 - Fones vocálicos orais

		Anterior	Central	Posterior
		Não-arredondada	Não-arredondada	Arredondada
Alta	Fechada	i	ĩ	u u:
	Aberta	ɪ	ɪ̃	ʊ
Média	Fechada	e e:	ə	o o:
	Aberta	ɛ		ɔ ɔ:
Baixa	Fechada		ɐ	
	Aberta		a a:	

Quadro 11 - Fones vocálicos nasais

		Anterior	Central	Posterior
		Não-arredondada	Não-arredondada	Arredondada
Alta	Fechada	ɪ̃	ĩ̃	ũ̃
	Aberta			
Média	Fechada	ẽ̃	ẽ̃ ẽ̃:	õ̃ õ̃:
	Aberta	ɛ̃		ɔ̃
Baixa	Fechada			
	Aberta			

Podemos ver um número expressivo de fones orais e nasais vocálicos que se realizam em diferentes graus de abertura da boca e de seu arredondamento, além do posicionamento da língua.

Existem também, algumas peculiaridades para cada quadro: no quadro onze, onde estão distribuídos os fones orais,

ocorrem fones em quase todas as posições, exceto no que se refere ao fone central médio aberto, anterior baixo fechado e aberto e posterior baixo fechado e aberto.

Na tabela doze, quase há paralelismo com os fones orais, sendo que fones vocálicos alongados ocorrem com posteriores médios fechados arredondados tanto oral como nasal [o:], [õ:]. O fone central médio fechado não-arredondado alongado [õ:] somente ocorre nasalizado e os fones alongados anterior médio fechado e central baixo aberto [e:], [a:] ocorrem oral. Diferentemente dos fones orais, não há no quadro dos nasais um fone central baixo fechado não arredondado nasalizado [ɐ].

2.1.1. FONES VOCÁLICOS ORAIS

Apresentamos abaixo a descrição fonética dos fones vocálicos encontrados nos dados analisados do Akwen-Xerente, seguida dos exemplos correspondentes.

[i] fone vocálico anterior alto fechado não arredondado:

- (1) [si'ka] 'galinha'
- (2) [ku'pi] 'peixe elétrico'

[i] fone vocálico oral central não arredondado alto fechado:

- (3) ['ki] 'água, chuva'
- (4) [kiwa'wẽ] 'rio Tocantins'

[u] fone vocálico oral posterior arredondado alto fechado:

- (5) [rɔah'ku] 'vento'
- (6) [udekra're] 'árvore pequena'

(7) [dujkbuzi] ‘capim dourado’

(8) [‘s:su] ‘olho de buriti’

[u:] fone vocálico oral posterior arredondado alto fechado alongado:

(9) [‘bru:] ‘roça’

[u] fone vocálico oral anterior não arredondado alto aberto:

(10) [stʌka] ‘galinha’

[ɪ] fone vocálico oral central não arredondado alto aberto:

(11) [kɪka’ka] ‘cachoeira’

[ɔ] fone vocálico oral posterior arredondado alto aberto:

(12) [mãõtɔa] ‘laranja’

[e] fone vocálico oral anterior não arredondado médio fechado:

(13) [si’re] ‘pássaro’

(14) [kuhẽ’re] ‘caititu’

[e:] fone vocálico oral anterior não arredondado médio fechado alongado:

(15) [nẽkre:] ‘castanha’

(16) [tpe:’hi] ‘escamas de peixe’

[ə] fone vocálico oral central não arredondado médio fechado:

(17) [kənẽ] ‘pedra’

(18) [kəˈdiʰ] ‘anta’

[o] fone vocálico oral posterior arredondado médio fechado:

(19) [otaˈsɛ] ‘muriçoca’

(20) [inoˈre] ‘como o irmão mais velho chama o irmão mais novo’

[o:] fone vocálico oral posterior arredondado médio fechado alongado:

(21) [ʃkoːˈre] ‘macaquinho’

(22) [nroːˈda] ‘bico do tucano’

[ɛ] fone vocálico oral anterior não arredondado baixo aberto:

(23) [am˘ˈkɛ ˈhə] ~ [am˘ˈkɛ ˈhə] ‘pele da cobra’

(24) [dahẽˈzɛ] ‘doença’

[ɛ:] fone vocálico oral anterior não arredondado baixo aberto alongado:

(25) [ajˈsɛ:] ‘ombros’

[ɔ] fone vocálico oral posterior arredondado baixo aberto:

(26) [daˈtɔ] ‘olho’

(27) [kɔˈbĩ] ‘rabo do macaco’

(28) [kɔˈhiʰ] ‘pêlo do macaco’

[ɔ:] fone vocálico oral posterior arredondado baixo aberto alongado:

(29) [arɔː paˈhi] ‘asa do morcego’

[e] fone vocálico oral central não arredondado baixo fechado:

(30) [imɛkdu] ‘preto’

[a] fone vocálico oral central não arredondado baixo aberto:

(31) [ihĩ'kda] ‘avô’

(32) [danip'kra] ‘mão’

(33) [da'pra] ‘pé’

[a:] fone vocálico oral central não arredondado baixo aberto alongado:

(34) [nrota:'bĩ] ‘rabo do tucano’

2.1.2. FONES VOCÁLICOS NASAIS

Apresentamos a seguir a descrição fonética dos fones vocálicos nasais encontrados nos dados analisados do Akwen-Xerente, seguida dos exemplos correspondentes.

[ĩ] fone vocálico nasal anterior não arredondado alto fechado:

(35) [ˈm ˈmĩ] ‘lenha’

(36) [izɛpa.ɔkwa] ‘minha mãe’

(37) [ihĩ'k'da]¹² ‘meu avô’

(38) [wahĩ'k'da] ‘nosso avô’

[ĩ] fone vocálico nasal central não arredondado alto fechado:

(39) [ku'bĩ^h] ‘porco’

(40) [t^hpe'bĩ] ‘arraia’

12. O sinal ˈ indica que o fone [k] é ejetivo e serve para marcar o acento da palavra.

[ũ] fone vocálico nasal posterior arredondado alto fechado:

(41) [mãkũmo'ta] 'bico do pato'

[ẽ] fone vocálico nasal anterior não arredondado médio fechado:

(42) [rɔ'wẽ] 'horizonte'

(43) [wajkwaku'krẽ] 'pacu'

(44) [t^hpekřẽ:pɔ] 'surubim'

(45) [krẽ'ti] 'formiga'

[õ] fone vocálico nasal central não arredondado médio fechado:

(46) [':s:rõ] 'morro'

(47) ['tõ] 'chuva'

[õ:] fone vocálico nasal central não arredondado médio fechado alongado:

(48) [da'krõ:] 'cabeça'

[õ] fone vocálico nasal posterior arredondado médio fechado:

(49) [tãjwanõ'kõ] 'trovão'

(50) [wa'kõ] 'quati'

(51) [danõkremzu'kwa] 'tio de alguém'

[õ:] fone vocálico nasal posterior arredondado médio fechado alongado:

(52) [wa'kõ:] 'quati'

2.2. DESCRIÇÃO FONOLÓGICA DAS VOGAIS

Faremos uma descrição dos fonemas vocálicos com base numa análise de distribuição em diferentes ambientes.

2.2.1. FONEMAS VOCÁLICOS EM AKWEN-XERENTE

Há na língua Akwen-Xerente quatorze fonemas vocálicos, sendo nove orais: /i, i, u, e, ə, o, ε, ɔ, a/ e cinco nasais: /ĩ, ã, ẽ, õ, õ/, distribuídos nos quadros a seguir.

Quadro 12 - Fonemas vocálicos orais

		Anterior	Central	Posterior
		Não-arredondada	Não-arredondada	Arredondada
Alta	Fechada	i	i	u
	Aberta			
Média	Fechada	e	ə	o
	Aberta	ε		ɔ
Baixa	Fechada			
	Aberta		a	

Podemos ver no quadro 13 que a língua apresenta fonemas que podem ser classificados em anteriores: /i, e, ε/, centrais /i, ə, a/ e posteriores /u, o, ɔ/.

Do ponto de vista do levantamento da língua, distinguem-se três séries opostas: + altas /i, i, u/, – altas fechadas /e, ə, o/ e – altas abertas /ε, a, ɔ/, que podemos representar no quadro a seguir.

Quadro 13 - Fonemas vocálicos orais

+ altas	Fechadas	i	i	u
		e	ə	o
– altas	Abertas	ε	a	ɔ

Fonte: Pesquisa direta

No quadro 10, seguem-se os fonemas vocálicos nasais do Akwen-Xerente:

Quadro 14 - Fonemas vocálicos nasais

+ altas	ĩ		
- altas	ẽ	ã	õ

Fonte: Pesquisa direta

O quadro dos fonemas nasais apresenta apenas quatro vogais: uma + alta /ĩ/ e três – altas /ẽ ã õ/.

2.2.1.1. OPOSIÇÕES FONOLÓGICAS

Foram encontradas evidências de oposição fonológica para os pares: [a] e [ã], [e] e [ẽ], [e] e [ɛ], [e] e [i], [a] e [ĩ], [i] e [ə], [u] e [o].

- [a] e [ã] ocorrem nas seguintes palavras, evidenciando uma oposição fonológica:

(53) [‘sa] /sa/ ‘morder’

(54) [‘sã] /sã/ ‘ver’

- [e] e [ẽ] ocorrem nas seguintes palavras, evidenciando uma oposição fonológica:

(55) [krẽ>re] /krẽre/ ‘macho’

(56) [kre’re] /krere/ ‘gariroba – fruta do cerrado’

- [e] e [ɛ] ocorrem nas seguintes palavras, evidenciando uma oposição fonológica:

(57) [ku’ze] /kuze/ ‘apreciar’

(58) [ku’zɛ] /kuzɛ/ ‘feder’

- [e] e [i] ocorrem nas seguintes palavras, evidenciando uma oposição fonológica:

(59) [ku'pre] /kupre/ 'cerimônia
pós morte de um Akwen importante'

(60) [ku'pri] /kupri/ 'queimar'

- [a] e [i] ocorrem nas seguintes palavras, evidenciando uma oposição fonológica:

(61) [ku'za] /kuza/ 'vestir'

(62) [ku'zi] /kuzi/ 'fogo'

- [i] e [ə] ocorrem nas seguintes palavras, evidenciando uma oposição fonológica:

(63) [ktɨkru] /ktikru / 'p i c a - p a u
branco'

(64) [ktə'kru] /ktə'kru / 'jatobá da
chapada'

- [u] e [o] ocorrem nas seguintes palavras, evidenciando uma oposição fonológica:

(65) [tʊ're] /ture/ 'menino'

(66) [to'ku] /toku/ 'boi'

2.2.1.2. ALOFONIA E DISTRIBUIÇÃO DAS VOGAIS

Apresentamos, a seguir, os fonemas vocálicos, seus alofones e sua distribuição.

2.2.1.2.1. ALOFONIA E DISTRIBUIÇÃO DAS VOGAIS ORAIS

Os fonemas vocálicos orais do Akwen-Xerente são: /i, i, u, e, ə, o, ɛ, ɔ, a/. O fonema /a/ é a vogal mais freqüente, e em

seguida vêm /e/, /i/, /u/ e /o/, que também apresentam ampla distribuição na língua. Já as vogais /ĩ/, /ə/, /ɛ/ e /ɔ/, apesar de frequentes, apresentam maior restrição quanto à distribuição.

- /a/, fonema central baixo aberto, realiza-se como [ɐ], fone central baixo fechado, [a:], fone central baixo aberto alongado e [a], fone central baixo aberto que variam livremente em sílabas pré-tônicas.

/a/: [ɐ] ~ [a:] ~ [a]/sílabas pré-tônicas
[a]/ Nos demais ambientes

- Exemplos:

(67) [nrota'bĩ] ~ [nrota:'bĩ] ~ [nrotɐ'bĩ] /nrotabi/
'rabo do tucano'

(68) [ime'kdu] ~ [ima'kdu] /imakdu/
'preto'

- Esse fonema forma sílaba com segmentos consonânticos oclusivos, fricativos e flap e ainda faz parte da formação de ditongos, quando aparece adjacente a glides, como se pode ver nos exemplos a seguir:

- Exemplos:

(69) /sika/ 'galinha'

(70) /padi/ 'tamanduá'

(71) /ajptɔkwa/ 'teu pai'

(72) /dasazapaH¹³zɛ/ 'colher'

(73) /krawa/ 'paca'

(74) /kɔra/ 'macaco guariba'

13. Note-se que as letras maiúsculas, nas transcrições fonológicas, representam arquifonemas. Os arquifonemas de nossa análise serão apresentados no Capítulo 4.

/i/: [i] ~ [i]/sílaba pré-tônica
[i]/ Nos demais ambientes

• Exemplo:

(83) [wasitɔprɛ] ~ [wasitɔprɛ] /wasitɔprɛ/
'estrela'

- O fonema /i/ ocorre nas seguintes sílabas, como se pode ver nos exemplos a seguir:

(84) /kupi/ 'peixe-elétrico'

(85) /tɛjkbuzi/ 'relâmpago'

(86) /wasitɔprɛ/ 'estrela'

(87) /sipri/ 'abelha tubi mansa'

Devido ao fato do fonema /i/ provocar alterações alofônicas nas consoantes precedentes, esse fonema, entretanto, tem limitações quanto a formar sílaba com fones alveolares [t], [d], [s] e com a velar [k], o que acontece com pouquíssima frequência (v. as descrições dos fonemas /t/, /d/, /k/, /n/ e /s/ no capítulo 4).

- O fonema /u/ realiza-se como [u], vogal alta posterior aberta, e [ɯ], vogal alta posterior fechada, que variam livremente em sílaba pré-tônica:

/u/: [u] ~ [ɯ]/sílaba pré-tônica
[u]/ Nos demais ambientes

• Exemplo:

(88) [hɯku] ~ [hu'ku] /huku/ 'onça'

- O fonema /u/ ocorre nas seguintes sílabas, como se pode ver nos exemplos a seguir:

• Exemplos:

(89) /rɔahku/ 'vento'

(90) /huku/ 'onça'

(91) /su/ 'olho de buriti'

(92) /kuno/ 'cobra de duas cabeças'

- /o/, fonema vocálico posterior arredondado /o/, realiza-se como [o:], médio fechado alongado, [o], médio fechado, [u], alto fechado, e [ʊ], alto aberto, variando livremente em sílaba pré-tônica:

/o/: [o:] ~ [o] ~ [u] ~ [ʊ]/sílaba pré-tônica
[o]/ Nos demais ambientes

• Exemplos:

(93) [ho'ku] ~ [hu'ku] /huku/ 'onça'

(94) [sikau'da] ~ [sikao'da] ~ [sikaʊda] /sikauda/
'bica da galinha'

(95) [to'ka] ~ [tu'ka] ~ [tʊka] /toka/ '2^a
pes. do singular'

(96) [nrotau'da] ~ [nro:tau'da] /nrotauda/
'bico do tucano'

- Esse fonema pode ocorrer em início e em final de sílaba:

• Exemplos:

(97) /otasɛ/ 'muriçoca'

(98) /tkajtomorɔ̃/ 'areia'

(99) /ĩnore/ 'meu irmão mais
novo'

(100) /ajʃpokreSare]/ ‘as orelhas deles
dois’

(101) /sohõpahi/ ‘asa da coruja’

- /i/, fonema central alto fechado, e /ə/, vogal central média fechada, podem ser atestados em Akwen-Xerente por meio de pares análogos, que apesar de raros e de difícil apreensão, puderam ser coletados, como se pôde ver nos exemplos (64) e (65), na seção 3.2.1.1.
- O fonema /i/ realiza-se como [i] e [ɨ], variando livremente em sílaba átona:

/i/: [i] ~ [ɨ]/sílaba átona
[i]/ Nos demais ambientes

- Exemplos:

(102) [kiwa'wẽ] ~ [kɨwa'wẽ] /kiwawẽ/
‘rio Tocantins’

(103) [ki ka'ka] ~ [kɨka'ka] /kikaka/
‘cachoeira’

- O fonema [i] ocorre em final absoluto de palavra e final de sílaba:

(104) /ki/ ‘água’

(105) /dakire/ ‘cunhado de alguém’

- O fonema /ə/ realiza-se como [ẽ] e ocorre em final de sílaba.

(106) [mẽku] /məku/ ‘pato’

- /ɛ/, fonema vocálico médio anterior aberto, realiza-se como o fone vocálico anterior médio aberto [ɛ]. Esse

fonema forma sílabas com várias consoantes, geralmente sem coda silábica:

• Exemplos:

(107) [wasitɔ'prɛ] /wasitɔprɛ/
'estrela'

(108) [dazɛpaɾkwa] /
dasɛpaɾkwa/ 'mãe'

(109) [ajsɔɔkwa] /ajSɔɔkwa/ 'teu
irmão mais velho'

(110) [sɛki] /seki/ 'doença'

- O fonema médio posterior fechado arredondado /ɔ/ realiza-se como [ɔ:], médio posterior aberto alongado e [ɔ] médio posterior aberto, variando livremente em final absoluto de palavra:

/ɔ /: [ɔ:] ~ [ɔ]/____#
[ɔ]/ Nos demais ambientes

(111) [aɾɔ] ~ [aɾɔ:] /aɾɔ/ 'morcego'

- O fonema [ɔ] também ocorre com várias consoantes, geralmente sem coda silábica:

(112) /rɔaɾku/ 'vento'

(113) /sdakɔ/ 'sol'

(114) /tpekrẽpɔ/ 'surubim – tipo de peixe'

(115) /arbɔ/ 'morcego'

2.2.1.2.2. ALOFONIA E DISTRIBUIÇÃO DAS VOGAIS NASAIS

Existem dois tipos de vogal com um traço nasal em Akwen: as vogais puramente nasais e as vogais nasalizadas. As vogais

puramente nasais, classificadas neste trabalho como fonemas vocálicos nasais são: /ĩ, ĩ, ã, õ/. As vogais interpretadas como alofones nasalizados das vogais orais correspondentes serão descritas na seção 6.1.

A seguir, descreveremos os fonemas nasais propriamente ditos.

- O fonema /ĩ/, anterior alta nasal, realiza-se como [ĩ], fone anterior alto nasal:

(116) [ĩpra] /ĩpra/ ‘meu pé ou
minha perna’

- O fonema /ĩ/, anterior médio nasal, realiza-se como [ĩ̃], fone anterior médio nasal:

• Exemplos:

(117) [wa'wẽ] /wawẽ/ ‘velho’

- /ã/, vogal central média nasal, realiza-se como [ã:], vogal central média nasal alongada, e [ã̃], vogal central média nasal, variando livremente em final absoluto de palavra:

/ã/: [ã:] ~ [ã̃]/____#
[ã̃]/ Nos demais ambientes

• Exemplo:

(118) [da'krã:] ~ [da'krã̃] /dakrã /
‘cabeça’

- /õ/, vogal posterior média nasal, realiza-se como [õ:], vogal posterior média nasal alongada, e [õ̃], vogal

posterior média nasal, variando livremente em final absoluto de palavra:

/õ/: [õ:] ~ [õ]/_____#
 [õ]/nos demais ambientes

• Exemplo:

(119) [wa'kõ] ~ [wa'kõ:] /wakõ/
 'quati'

CAPÍTULO 3

FONÉTICA E FONOLOGIA DAS CONSOANTES

Este capítulo objetiva descrever as características fonéticas e fonológicas dos fones e fonemas consonânticos do Akwen-Xerente. Primeiramente, foi feito o inventário fonético dos dados, todos colocados em uma tabela fonética, sendo classificados articulatoriamente. Depois, foram analisados os fonemas da língua e suas variadas realizações.

3.1. DESCRIÇÃO FONÉTICA DAS CONSOANTES

Nos dados coletados em viagens a campo nos anos de 2005, 2006 e 2007, ocorrem os seguintes fones consonantais: [p], [p^ˀ], [p^ʰ], [b], [b^ˀ], [t], [t^ˀ], [t^ʰ], [tʰ], [tʃ], [d], [d̥], [dʒ], [k], [k^ˀ], [k^ʰ], [k^h], [ʔ], [g], [β], [ϕ], [f], [v], [s], [s:], [z], [z:], [ʂ], [ʃ], [x], [ɣ], [h], [ɦ] [m], [m^ˀ], [n], [n^ˀ], [ɲ], [l], [r], [ɹ] expostos no quadro 15.

Quadro 15 - Fones consonânticos

			Labiais		Frontal			Velar	Glotal
			B	L	D	A	P	V	G
O	Su	Ex.	p			t		k	?
		N.Ex.				t ^ˀ		k ^ˀ	
		As.	p ^ˀ			t ^h		k ^h	
		Ej.	p ^ʰ			t ^ʰ		k ^ʰ	
	So	Ex.	b		ɸ	d		G	
		N.Ex.	b ^ˀ			d ^ˀ			
A	Su					tʒ			
	So					dʒ			
Fr	Su					s	f	x	h
		Al.	ϕ	f		s:			
		Re.				ʂ			
	So						z	ɣ	ɦ
		Al.	β	v			z:		
		Re.					ʐ		
N			m			n	ɲ		
	N.Ex.		m ^ˀ			n ^ˀ			
L						l			
Fl						r			
	Re.					ɹ			

Podemos ver os fones consonânticos do Akwen-Xerente, de acordo com suas propriedades articulatórias. Os dados

distribuem-se em sete pontos de articulação: **(B)** bilabial, **(L)** lábio-dental, **(D)** dental, **(A)** alveolar, **(P)** palatal, **(V)** velar e **(G)** glotal, distribuídas no eixo horizontal do quadro 15 e em seis modos de articulação **(O)** oclusiva, **(A)** africada, **(Fr)** fricativa, **(N)** nasal, **(L)** lateral, **(Fl)** flap, expostos no eixo vertical do quadro.

É interessante observar que a tabela apresenta alguns fones com uma ocorrência paralela ao longo de três pontos de articulação: bilabial, alveolar e velar [p], [t], [k] explodidos (**Ex.**) e seus correspondentes não-explodidos (**N. Ex.**), [p^ˀ], [t^ˀ], [k^ˀ] e ejetivos (**Ej.**) [p^ʰ], [t^ʰ], [k^ʰ]. No entanto, os fones [t], [k], [b], [d] possuem características que os diferenciam dos outros fones foneticamente próximos a eles: [t] e [k] são os únicos fones que têm uma ocorrência aspirada (**As.**), [t^h] e [k^h], apenas [b] e [d], fone oclusivo bilabial sonoro e fone oclusivo alveolar sonoro, ocorrem não-explodido [b^ˀ], [d^ˀ]. Além disso, [d] é o único fone oclusivo sonoro que ocorre no ponto dental [ɖ]. Os fones [g] e [ŋ] ocorreram em poucos dados e em ambientes previsíveis, como se verá adiante.

Como é comum nas línguas do mundo (LADEFOGED, 2001), o ponto de articulação que tem maior número de realizações dos fones é a alveolar, apresentando oito modos de articulação. Os fones bilabiais [ɸ] e [β] e os lábio-dentais [f] e [v] têm ocorrência bastante restritas: [ɸ] e [β] em um item lexical da língua e [f], [v] em empréstimos do português ou variando com [ɸ] e [β].

Há nasais explodidas e não-explodidas somente em bilabiais e alveolares [m], [m^ˀ], [n], [n^ˀ], já com a palatal só houve a ocorrência da palatal explodida [ɲ].

Com respeito aos fones fricativos, ocorrem sonoros (**So**) e surdos (**Su**), em diferentes pontos de articulação. Há dois fones fricativos alveolares alongados (**Al.**): [s:] e [z:].

No inventário fonético acima ocorrem alguns fones que não aparecem nos quadros fonéticos propostos por Braggio (2005)

e Grannier e Souza (2005), como: um [z] fone fricativo retroflexo sonoro.

3.1.1. FONES CONSONÂNTICOS DO AKWEN-XERENTE

Abaixo, segue-se a classificação fonética dos fones encontrados nos dados do Akwen-Xerente. Para classificarmos os fones, utilizamos a nomenclatura já consolidada na Fonética Articulatória por Pike (1947) e Weiss (1988), além de trabalhos mais recentes como de Ladefoged e Maddieson (1996), Ladefoged (2001).

3.1.1.1. FONES OCLUSIVOS

Fones oclusivos são aqueles em que, ao serem produzidos, requerem uma obstrução total da passagem do ar na cavidade bucal, seguida de uma abertura repentina dessa obstrução. Ao se desfazer a oclusão (impedimento), o ar sai bruscamente como uma espécie de plosão. Esses fones são classificados de oclusivos explodidos. No entanto, em Akwen-Xerente, não ocorrem apenas fones oclusivos explodidos, há também fones não-explodidos, ejetivos e aspirados. Fones não-explodidos realizam-se com obstrução à passagem, mas sem a abertura repentina da obstrução de modo que não há plosão do ar. O fones ejetivos realizam-se com ar faringal expirado, resultante de uma oclusão na cavidade bucal e outra na glote. O fone é emitido com ar que se encontra na faringe, entre as duas oclusões. A pressão do ar na faringe aumenta com o seu levantamento, mantendo-se a glote fechada. O som é produzido com a abertura repentina da oclusão bucal, caracterizado por uma forte plosão. Fones aspirados são aqueles emitidos com um sopro adicional de ar, produzido por fricção do ar nas cordas vocais.

3.1.1.1.1. FONES OCLUSIVOS SURDOS E SONOROS

Para cada ponto de articulação dos fones oclusivos, ocorrem diferentes modos de articulação: surdo, subdividido em explodido, não-explodido, ejetivo e aspirado e sonoro, subdividido em explodido, não-explodido e dental.

(120) Bilabial

a. [ku'pi] 'peixe-elétrico'

b. [p̣'ku] 'lagoa'

c. [p̣'ku] 'lagoa'

(121) Alveolar

a. [ṭṭ] 'chuva'

b. [paṭ'te're] 'gato doméstico'

c. [ṭ'kajwams'ṛẽ] 'barro mole'

d. [ṭ^hbe] 'peixe'**(122) Velar**

a. [udekra're] 'árvore pequena'

b. [ḳ'ka] 'terra'

c. [aḳ'ka'pṛɛ] 'jacu'

d. [ẉẽḳ^hi] 'perdiz'**(123) Glotal**

[ṇõʔṛɛ] 'garganta'

Foram encontrados dois fones oclusivos sonoros com ponto de articulação bilabial, sendo um explodido e outro não-explodido [b] e [ḅ]:

- (124) a. [aɾbɔ] ‘morcego’
b. [daʼbʼdu] ‘pescoço’

Dois fones oclusivos sonoros com ponto de articulação alveolar, sendo um explodido, outro dental e um não-explodido [d], [ɖ] e [dʰ]:

- (125) a. [paʼdi] ‘tamanduá’
b. [daʼɖi] ‘barriga’
c. [dʰdu] ‘capim’

Um fone oclusivo sonoro com ponto de articulação velar [g]:

- (126) [kaʼgi] ‘pegar’
(127) [nɔzĩgwẽmʼti] ‘milho verde’

3.1.1.2. FONES AFRICADOS

Fones africados são sequências de fones, sendo um oclusivo e o outro fricativo. No Akwen-Xerente, o africado é um segmento consonântico cuja modo de articulação muda gradativamente de oclusivo para fricativo. A oclusão se desfaz até que haja somente constrição, o que resulta em fricção.

3.1.1.2.1. FONES AFRICADOS SURDOS E SÓNOROS

Há dois fones africados alveo-palatais, sendo um surdo e o outro sonoro [tʃ] e [dʒ]:

- (128) a. [waʼtʃi] ‘nossa flecha’
b. [kõʼdʒi] ‘partícula de negação’

3.1.1.3. FONES FRICATIVOS

Diferentemente de fones oclusivos que têm um impedimento total do ar, na articulação de um fone fricativo o impedimento é parcial na passagem de ar pela aproximação do articulador ao ponto de articulação, o que provoca um ruído de fricção quando o ar passa pelo ponto de impedimento. Nos dados do Akwen-Xerente, ocorrem fones fricativos surdos e sonoros, nos pontos de articulação bilabial, lábio-dental, alveolar, retroflexo, palatal, velar e glotal.

3.1.1.3.1. FONES FRICATIVOS SURDOS

A língua Xerente apresenta um fone fricativo surdo com ponto de articulação bilabial [ɸ]:

(129) [ajsdawahiza'ɸrɛ] 'os lábios deles dois'

Há um fone fricativo surdo com ponto de articulação lábio-dental [f]:

(130) [aj'praza'frɛ] 'as pernas ou pés deles dois'

Um fone fricativo surdo com ponto de articulação alveolar [s]:

(131) [wa'psɛ̃] 'cachorro'

Um fone fricativo surdo alongado com ponto de articulação alveolar [s:]:

(132) [s:i'ku^h] 'gavião'

(133) [s:u] 'olho de buriti'

Um fone fricativo surdo com ponto de articulação retroflexo [ʂ]:

(134) [ʂirepa'hi] 'asa de pássaro'

Um fone fricativo surdo com ponto de articulação palatal [j̥]:

(135) [karɔʃiku'di] 'arroz cru'

Um fone fricativo surdo com ponto de articulação velar

[x]:

(136) [danõ'x'krɛ] 'garganta de alguém'

Um fone fricativo surdo com ponto de articulação glo-

tal [h]:

(137) [ku'hõ] 'porcão'

3.1.1.3.2. FONES FRICATIVOS SONOROS

Nos dados analisados, ocorre um fone fricativo sonoro com ponto de articulação bilabial [β]:

(138) [ajmnõwazaw'βrɛ] 'as costas deles dois'

Um fone fricativo sonoro com ponto de articulação lábio-dental [v]:

(139) [ajkuewa'duza'vrɛ] 'as sobrançelas deles dois'

Um fone fricativo sonoro com ponto de articulação alveolar [z]:

(140) [nɔ>zi] 'milho'

Um fone fricativo sonoro alongado com ponto de articulação alveolar [z:]:

(141) [kupa'z:u] 'farinha'

Um fone fricativo sonoro com ponto de articulação velar [ɣ]:

(142) [ĩ>yi] 'meu osso'

Um fone fricativo sonoro com ponto de articulação glotal [ɦ]:

(143) [aj'fi] 'teu osso'

(144) [sika'fi] 'osso de galinha'

3.1.1.4. FONES NASAIS

Os fones nasais são produzidos por uma oclusão total na boca no ponto de articulação e o abaixamento simultâneo do palato mole, permitindo a passagem livre do ar pela cavidade nasal. Realizam-se em diferentes pontos de articulação: bilabial, alveolar e velar e há dois modos de articulação: explodido e não-explodido.

Há dois fones nasais com ponto de articulação bilabial: sendo um explodido [m] e o outro não-explodido [m̃]:

(145) a. [t'kajtomo'rõ] 'areia'

b. [m̃m̃i] 'lenha'

Dois fones nasais com ponto de articulação alveolar explodido e não-explodido, respectivamente: [n] e [ñ].

(146) a. [ponukwa'nẽ] 'dois'

b. [dañtõ] 'dormir'

Um fone nasal com ponto de articulação palatal [ɲ]:

(147) [i'ɲi] 'carne'

3.1.1.5. FONE LATERAL

Um fone lateral com ponto de articulação alveolar [l]

(148) [dalmizuseki] 'dor no braço'

3.1.1.6. FONES FLAPS

Foi encontrado um fone flap com ponto de articulação alveolar [r]:

(149) [ku'pri] 'queimado'

Um fone flap com ponto de articulação retroflexo [ɻ]:

(150) [dazɛpaɪ 'kwa] 'mãe de alguém'

3.2. DESCRIÇÃO FONOLÓGICA DAS CONSOANTES

A análise fonológica considera a ocorrência de todos os fones encontrados nos dados, de acordo com o levantamento fonético. Com base numa análise de distribuição desses fones em diferentes ambientes, serão apresentadas suas diferentes situações fonológicas: fonemas distintos e alofones de um mesmo fonema.

3.2.1. FONEMAS CONSONÂNTICOS DO AKWEN-XERENTE

Há em Akwen-Xerente treze fonemas consonânticos, distribuídos no quadro 16:

Quadro 16 - Fonemas Consonânticos

		B	A	V	G
O	Su	p	t	k	
	So	b	d		
Fr	Su		s		h
	So		z		
N		m	n		
Fl			r		
Gl		w	J		

Podemos ver que, diferentemente do quadro fonológico de **Mattos** (Capítulo 1, seção 1.1), há dois fonemas nasais, sendo um bilabial e o outro alveolar. Postulamos esses dois fonemas devido às suas distribuições em variados ambientes da língua e também

pela presença de pares mínimos entre /m/ e /n/ que valida o caráter fonológico dos dois seguimentos.

Serão apresentadas inicialmente, a partir da seção 3.2.1.1., as variações alofônicas que ocorrem regularmente em certos grupos de fonemas. Seguir-se-ão, na seção 3.2.1.6., as variações alofônicas de fonemas isolados e, por último, na seção 3.2.1.7., haverá uma descrição geral dos fonemas consonânticos.

A seguir, há uma tabela que mostra os agrupamentos de variantes dos fonemas, apresentados no quadro 17, do Akwen-Xerente.

Quadro 17 - Variações Consonânticas do Akwen-Xerente¹⁴

		Labiais		Frontal			Velar	Glotal
		B	L	D	A	P	V	G
O	Su	Ex.	p ^h			t		k
		N. Ex.	p ^ʔ			t ^ʔ		k ^ʔ
		As.				t ^h		k ^h
		E	p ^ʔ			t ^ʔ		k ^ʔ
	So	Ex.	b			d		
		N. Ex.	b ^ʔ		ɖ	d ^ʔ		g
A					tʃ			
					dʒ			
Fr	Su	N. Al.			s			
		Al.	ɸ	f	s:	ʃ	x	h
		R.			ʂ			
	So	β	v		z		ɣ	ɦ
N	Ex.	m			n			
	N. Ex.	m ^ʔ			n ^ʔ		ɲ	

14. Existe relação entre alguns segmentos com características articulatorias parecidas que não puderam ser colocados dentro dos balões devido à distância na estrutura da tabela, entre eles: [p, b], [t ~ tʃ, d ~ dʒ], [s, z] e [r, h].

		Labiais		Frontal			Velar	Glotal
		B	L	D	A	P	V	G
L					l			
Fl					r			
Fl	R.				ɹ			

Note-se que os quatro fones fricativos labiais e labio-dentais do quadro 17 não correspondem a um fonema do quadro 16, pois, como será demonstrado adiante, são realizações do fonema glide /w/.

3.2.1.1. OPOSIÇÕES FONOLÓGICAS

Para justificar o caráter fonológico dos fones citados, seguem-se os seguintes pares mínimos e análogos para os segmentos consonânticos:

- [p] e [b] ocorrem em pares mínimos, evidenciando uma oposição fonológica:

(151) [ku'pa] /kupa/ 'mandioca'

(152) [ku'ba] /kuba/ 'canao'

- [t] e [d] ocorrem em pares mínimos, evidenciando uma oposição fonológica:

(153) [wa'ti] /wati/ 'apertar'

(154) [wa'di] /wadi/ 'o outro, outra pessoa (desconhecido)'

- [t] e [s] ocorrem em pares mínimos, evidenciando uma oposição fonológica:

(155) ['tɛ] /tɛ/ 'pronomesufixo possessivo'

(156) [‘sɛ] /sɛ/ ‘tipo de pássaro’

- [t] e [k] ocorrem em pares mínimos, evidenciando uma oposição fonológica:

(157) [‘kɔ] /kɔ/ ‘molhar’

(158) [‘tɔ] /tɔ/ ‘olho’

- [d] e [z] ocorrem em pares mínimos, evidenciando uma oposição fonológica:

(159) [‘da] /da/ ‘posposição’

(160) [‘za] /za/ ‘marca de futuro’

- [d] e [r] ocorrem nas seguintes palavras, evidenciando uma oposição em ambiente análogo:

(161) [bə’də] /bədə/ ‘estar frio’

(162) [da’rə] /darə/ ‘morrer’

- [s] e [z] ocorrem em pares mínimos, evidenciando uma oposição fonológica:

(163) [‘sa] /sa/ ‘m o r f e m a - exortativo’

(164) [‘za] /za/ ‘marca de futuro’

- [t] e [r] ocorrem em pares mínimos, evidenciando uma oposição fonológica:

(165) [‘te] /te/ ‘novo’

(166) [‘re] /re/ ‘m o r f e m a de diminutivo’

- [d] e [n] ocorrem nas seguintes palavras, evidenciando uma oposição em ambiente análogo:

(167) [‘kdã] /kdã/ ‘anta’

(168) [‘knã] /knã/ ‘mar’

- [m] e [n] ocorrem em pares mínimos, evidenciando uma oposição fonológica:

(169) [k^wa’mẽ] /kwame/ ‘sei lá!’

(170) [k^wa’nẽ] /kwane/ ‘moquear’

- [n] e [r] ocorrem nas seguintes palavras, evidenciando uma oposição em ambiente análogo:

(171) [‘knẽ] /kne/ ‘pedra’

(172) [ku’krẽ] /kukrẽ/ ‘cabaça’

- [z] e [r] ocorrem em pares mínimos, evidenciando uma oposição fonológica:

(173) [hə>zɛ] /həzɛ/ ‘adoecer’

(174) [hə>rɛ] /hərəɛ/ ‘amanhã’

- [s] e [h] ocorrem em pares mínimos, evidenciando uma oposição fonológica:

(175) [wa’si] /wasi/ ‘estrela’

(176) [wa’hi] /wahi/ ‘cascavel’

- [b] e [w] ocorrem nas seguintes palavras, evidenciando uma oposição em ambiente análogo:

(177) [bə’dã] /bədã/ ‘dia’

(178) [wa’hã] /wahã/ ‘eu’

- [m] e [w] ocorrem nas seguintes palavras, evidenciando uma oposição em ambiente análogo:

(179) [mi'rõ] /mi'rõ/ 'mato'

(180) [wa'ra] /wa'ra/ 'eu corri'

3.2.1.2. ALOFONIA E DISTRIBUIÇÃO DAS CONSOANTES OCLUSIVAS SURDAS

Seguindo as linhas gerais da análise de **Grannier e Souza (2005)** e de acordo com os quadros 16 e 17, é possível determinar os seguintes fonemas, com seus respectivos alofones:

- /p/ é uma oclusiva bilabial surda e realiza-se como oclusiva bilabial surda [p], oclusiva bilabial surda não-explodida [p̚] e como oclusiva bilabial surda ejetiva [p̥̚]. Os três fones variam livremente antes do fone consonântico oclusivo [k] e, antes de fone fricativo surdo, [p] e [p̚], variam livremente:

/p/: [p] ~ [p̚] ~ [p̥̚] / _____ C^{oclusiva}
 [p] ~ [p̚] / _____ C^{fricativa}
 [p] / Nos demais ambientes

- Exemplos:

(181) ['pku] ~ ['p̚ku] ~ ['p̥̚ku] /pku/ lagoa'

(182) [psapa'ri] ~ [p̚sapa'ri] /psapari/ 'dente'

- O fonema /p/ ocorre em posição de onset silábico, coda silábica e início absoluto de palavra formando sílabas com os fonemas vocálicos: /i, ɨ, u, e, ɔ, a.

- Exemplos:

(183) /kupi/ 'peixe-elétrico'

(184) /krɔpi/ 'rabo do macaco'

- (185) /pku/ 'lagoa'
 (186) /tpekɾẽpɔ/ 'surubim'
 (187) /padi/ 'tamanduá'

- O fonema /p/ ocorre também tanto em onset como em coda silábica de sílabas complexas:

- Exemplos:

- (188) /udepanipdi/ 'galho'
 (189) /wapsã/ 'cachorro'
 (190) /wasitɔpɾɛ/ 'estrela'
 (191) /pku/ 'lagoa'
 (192) /tpekɾẽpɔ/ 'surubim'
 (193) /ĩptɔkwa/ 'meu pai'

- /t/ é uma oclusiva alveolar surda e realiza-se como alveolar surda [t], alveolar surda não-explodida [t^ɿ], alveolar surda ejetiva [t^ʼ] e alveolar surda levemente aspirada [t^h];

Os fones [t], [t^ɿ], [t^ʼ], [t^h] variam livremente antes de fones oclusivos e fricativos e do fone vocálico [i]. Em final absoluto de palavra, pode ocorrer a queda do fone [t]:

/t/: [t] ~ [t^ɿ] ~ [t^ʼ] ~ [t^h]/____C_{oclusiva}, C_{fricativa} e [i]
 #____queda de [t]
 [t]/ Nos demais ambientes

- Exemplos:

- (194) [ˈtpe] ~ [ˈt^ɿpe] ~ [ˈt^ʼpe] ~ [ˈt^hpe] /tPe/ 'peixe'
 (195) [ˈti] ~ [ˈt^ɿi] ~ [ˈt^ʼi] ~ [ˈt^hi] /ti/ 'flecha'

(196) [tpeka'ret] ~ [tpeka'retʰ] ~ [tpeka're] /
tpekare/'piabinha'

Os fones [tʰ] e [tʰ] variam entre dois fones oclusivos de mesma característica articulatória:

/t/: [tʰ] ~ [tʰ]/_____ [s]

• Exemplo:

(197) [patʰte're] ~ [pat'te're] /pattere/ 'gato do mato'

- O fonema /t/ tem vasta ocorrência na língua. Ocorre em posição de onset silábico e início absoluto de palavra. Forma sílaba com os fonemas vocálicos: /ɔ, ɛ, a, e, e/:

• Exemplos:

(198) [wasitɔpre] /wasitɔpre/ 'estrela'

(199) ['tɛ] /tɛ/ 'chuva'

(200) [dakrawa'pte] /dakrawapte/ 'so-brinha de alguém'

(201) [datezani'ze] /datezanize/ 'dor nas pernas'

- O fonema /k/, oclusiva velar surda, realiza-se como [k], [kʰ] e [kʰ] antes dos fones oclusivos surdos [p], [t], [k] e da oclusiva sonora [d]. O fonema /k/ tem um alofone velar sonoro [g] que varia com [k] em início absoluto de sílaba ou em grupo consonântico:

/k/: [k]~[kʰ]~[kʰ]/_____ C_{consoante oclusiva surda ou sonora}
[k]~[g]/____. ou ____ CV
[k]/ Nos demais ambientes

(202) [danĩ'kpɔ] ~ [danĩ'k`pɔ] ~ [danĩ'k'pɔ] ~
[dani'kpɔ] /danikPɔ/ 'unha de alguém'

(203) [ajku'kta] ~ [ajku'kda]~[ajku'k'ta] ~
[ajku'k`ta] /ajkukTa/ 'bochecha'

(204) [nɔzĩkwẽm't'i] ~ [nɔzĩgwẽm't'i] ~
[nɔzĩwẽm't'i] /nɔzikwẽm't'i/ 'milho verde'

- Esse fonema forma sílaba com as vogais: /u, a, i, õ, ɔ, ã, ε, i/. Pode ocorrer como onset e coda silábico, sendo em sílabas simples ou complexas.

• Exemplos:

(205) [rɔah'ku] /rɔahku/ 'vento'

(206) [ah'ka] /aHka/ 'mutum'

(207) ['ki] /ki/ 'água'

(208) [wa'kõ] /wakõ/ 'quati'

(209) [kɔ'ra^h] /kɔra/ 'm a c a c o
guariba'

(210) [ku'kã] ~ [ku'kã^h] /kukã/ jabuti'

(211) [am'ke] /amke/ 'cobra'

(212) [ajd'ki] /ajdki/ 'tua barriga'

(213) [sda'krɔ] ~ [s:da'krɔ]/sdakrɔ/ 'sol'

(214) [tãjkbuzi] /tãjkbuzi/ 'relâmpago'

(215) [ktez'ru] /ktezru/ 'cará'

(216) [krẽ'ti] /krẽti/ 'formiga'

(217) [wanĩ'kbɔ] ~ [wanĩ'kpɔ]/wanikPɔ/ 'nossa
unha'

3.2.1.3. ALOFONIA E DISTRIBUIÇÃO DAS CONSOANTES OCLUSIVAS SONORAS

- /b/, fonema oclusivo bilabial sonoro, realiza-se como oclusivo bilabial sonoro [b] e oclusivo bilabial sonoro não-explodido [b̚]. A realização [b] pode variar com [b̚] e [p] em grupo consonântico e posição acentuada. Nesse ambiente, pode ocorrer também variação entre [b] e [m]:

/b/: [b]~[b̚]~[p]/ ____.

[b]~[m]/ ____.

[b]/ Nos demais ambientes

- Exemplos:

(218) [da'bdu] ~ [da'b̚du] ~ [da'pdu] /daPdu/
'pesçoço'

(219) [ĩnõkrebzu'kwa]~[ĩnõkrezmzu'kwa] /
wanokreBzukwa/ 'meu tio'

- Esse fonema forma sílaba com as seguintes vogais: /ɔ, i, u, a, ẽ / e com os fone vocálico [ĩ], tendo pouca ocorrência em sílabas complexas. Ocorre em onset e coda silábica:

- Exemplos:

(220) [ar'bɔ^h] /arbɔ/ 'morcego'

(221) [smidarɔbi] /smidarbi/ 'pena'

(222) [waduɟkbu'zi] /waduɟkbuzi/ 'capim
dourado'

(223) [badi'kre] /badikre/ 'rede'

- (224) [tpe'bõ] /tpebõ/ 'arraia'
 (225) ['bru] /bru/ 'roça'
 (226) [kba're^h] /kbare/ 'pequi'

- /d/, fonema consonântico oclusivo alveolar sonoro, realiza-se como alveolar sonora [d], dental sonora [ɖ] e alveolar sonora não-explodida [d̥]; O fone vocálico [d] varia com [d̥] antes dos fones oclusivos [k] e [g] e tem uma variante alveolar dental [ɖ] antes de [i]:

/d/: [d]~[d̥]~[p]/ ____ [k] e [g]
 [d]~[ɖ]/ ____ [i]
 [d]/ Nos demais ambientes

- Exemplos:

- (227) ['d̥du] ~ ['ddu] /du/ 'capim'
 (228) [da'ɖi] ~ [da'di] /dadi/ 'barriga'

- Esse fonema forma sílaba com as vogais: /a, u, e, ε, i/ e ocorre em sílabas complexas:

- Exemplos:

- (229) [sda'krɔ] ~ [s:da'krɔ] /sdakrɔ/ 'sol'
 (230) ['du] /du/ 'capim'
 (231) [u'de] ~ [U'de] /ude/ 'árvore'
 (232) [ajsɔɛkwa] /ajsɔɛkwa/ 'teu irmão mais velho'
 (233) [da'di] ~ [da'di^h] /dadi/ 'barriga'
 (234) [ajnɪza'pdɔ] /ajnɪzapdɔ/ 'tuas coxas'
 (235) ['d̥du] ~ ['ddu] /du/ 'tipo de capim'

(236) [ihi'kta] ~ [ihi'kda] /ihikTa/ 'avô'

3.2.1.4. ALOFONIA E DISTRIBUIÇÃO DAS CONSOANTES FRICATIVAS

- /s/, fonema fricativo alveolar surdo, ocorre com bastante frequência em Akwen-Xerente. Realiza-se como fricativo alveolar surdo [s], fricativo alveolar surdo alongado [s:], fricativo retroflexo surdo [ʂ] e fricativo palatal surdo [ʃ].

Os alofones de /s/ variam nos seguintes ambientes:

- Os alofones [s] ~ [s:] variam antes das vogais altas [i], [u], da vogal anterior média aberta [ɛ] e antes da vogal central [a]. Ocorre variação também antes dos fones alveolares [d], [n] e [ʒ]:

/s/: [s]~[s:] / ____ V e C^{alveolares}
[s] / Nos demais ambientes

- Exemplos:

(237) ['si] ~ ['s:i] /si/ 'pássaro'

(238) [kiwra'su] ~ [kiwra's:u] /kiwrasu /
'corredeira'

(239) [s:ɛkwa] ~ [sɛkwa] /sekwa/ 'pajé'

(240) [isanĩkwa] ~ [is:anĩkwa] /isanikwa/
'cunhada'

(241) [sda'krɔ] ~ [s:da'krɔ] /sdakrɔ/ 'sol'

- Os alofones [s] ~ [ʃ] ~ [ʂ] variam antes da vogal [i]:

/s/: [s]~[s:] / ____ V e C^{alveolares}

[s]/ Nos demais ambientes

• Exemplo:

(242) [si're] ~ [ʃi're] ~ [ʃi're] /sire/ 'passarinho'

- Esse fonema forma sílaba com as vogais: / i, ε, ə, õ, a, ã, u, ỹ/ e com o fone vocálico: [ɔ̃]. Pode ocorrer em on-set e coda silábica, sendo em início e final absoluto de palavra:

• Exemplos:

(243) [si'ka] /sika/ 'galinha'

(244) [ajsepaɾkwa] ~ [ajsepaɾkwa] /ajsepaHkwa/ 'tua mãe'

(245) [ajsɔkɾebzu'kwa]¹⁵ ~ [ajsɔkɾemzu'kwa] /ajsɔkɾeBzukwa/ 'teu tio'

(246) [ajsõx'krɛ] ~ [ajsõh'krɛ] /ajsɔHkrɛ/ 'tua garganta'

(247) [ajsai'kwa] /ajsai kwa/ 'cabelo'

(248) [wa'psã] /wapsã/ 'cachorro'

(249) [kupaj**s**uhi're] /kupajsuhire/ 'tipo de mandioca'

(250) [kupas**i**'krã] /kupasikrã/ 'mandioca gaeira'

(251) [sda'krɔ] ~ [s:da'krɔ] /sdakrɔ/ 'sol'

(252) [t'kajwam'srẽ] /tkajwam'srẽ/ 'barro mole'

(253) ['srã] /srã/ 'morro'

(254) [skɾarɔm'kwa] /skɾarɔB'kwa/ 'ca-chorra – tipo de peixe'

15. Alguns termos estão em negrito para facilitar a identificação do fone.

- /h/, fone consonântico fricativo glotal surdo, possui muitas variações na língua Akwen-Xerente. Realiza-se como alofone fricativo glotal surdo [h], fricativo velar surdo [x], variando antes do fone [k]. O fonema /h/ ocorre, também, como fricativo velar sonoro [ɣ] e fricativo glotal sonoro [fi], variando antes do fone [i]:

/h/: [h]~[x]/____ [k]
[h] ~ [ɣ] ~ [fi]____ [i]
[h]/ Nos demais ambientes

- Exemplos:

(255) [ax'ka] ~ [ah'ka] /aHka/ 'mutum'

(256) [da'hi] ~ [da'yi] ~ [da'fii] /dahi/ 'osso'

- Esse fonema pode ocorrer com os fonemas vocálicos: /e, u, ã, ã, ã, ã/, ocorrendo em onset e coda silábica:

- Exemplos:

(257) [he'wa] /hewa/ 'céu'

(258) [hu'ku] /huku/ 'onça'

(259) [kuhã're] /kuhãre/ 'caititu'

(260) [ihĩ:kTa simpi'kõ] /ihikTasimpikõ/
'minha avó'

(261) [kɔ'hi^h] /kɔhi/ 'pêlo do macaco'

(262) [rɔah'ku] /rɔaHku/ 'vento'

3.2.1.5. ALOFONIA E DISTRIBUIÇÃO DAS CONSOANTES NASAIS

- /m/, fonema nasal bilabial, é pouco frequente no Akwen-Xerente. Ocorre como nasal bilabial [m] e nasal bilabial não-explodida [m̥];

• Exemplos:

(263) [mã̃>ku] /məku/ ‘pato’

(264) [mɔkɔjtɔ>rã̃^h] ~ [mɔ̃jkɔjtɔ>rã̃^h] /mɔkɔjtɔrã̃/
‘caju’

(265) [mɔ̃kõ’ní^h] /mɔkoni/ ‘inhome’

(266) [‘m̃mi] ~ [‘mmi] /m̃mi/ ‘lenha’

(267) [‘mrã̃] /mrã̃/ ‘mato’

- /n/ é um fone nasal alveolar e ocorre com frequência na língua. Realiza-se como nasal alveolar [n], ocorrendo livremente com a nasal alveolar não-explodida [ñ] e variando com a nasal velar [ɲ] antes de [i], [õ], [ɔ];

/n/: [n]~[ɲ]/____ V

[n]/ Nos demais ambientes

• Exemplos:

(268) [ponukwa’nẽ] /ponukwane/ ‘dois’

(269) [dañ>tõ] /dantõ/ ‘dormir’

(270) [ĩɲõx’krɛ] ~ [ĩɲõx’krɛ] ~ [ĩɲõx’krɛ] /
inoHkrɛ/ ‘minha garganta’

(271) [i’ɲi] ‘carne’ /ini/ ‘carne’

3.2.1.6. ALOFONIA E DISTRIBUIÇÃO DAS CONSOANTES FLAPS

- /r/, fone consonântico flap alveolar, realiza-se como os alofones flap alveolar [r] e flap retroflexo [ɽ], na qual variam livremente em final de sílaba:

/r/: [r]~[ɽ]/____.

[r]/ Nos demais ambientes

• Exemplos:

(272) [dazɛpaɾkwa] ~ [dazɛpaɾkwa]
/dazɛpaɾkwa/ 'mãe'

(273) [aɾka] ~ [aɾka] /aɾka/
'mutum'

- Esse alofone é muito frequente na língua em grupos consonânticos e ocorre com os seguintes fonemas vocálicos: /ɔ, ɛ, a, ã, e, u/

• Exemplos:

(274) [rɔah'ku] /rɔahku/ 'vento'

(275) [sda'krɔ] /sdakrɔ/ 'sol'

(276) [wasitɔprɛ] /wasitɔprɛ/ 'estrela'

(277) [kiwra'su] /kiwrasu/ 'corredeira'

(278) ['srã] /srã/ 'morro'

(279) [sikakre'rɛ] /sikakre'rɛ/ 'galo'

(280) [uruɾkwa] /urukwa/ 'cobra coral'

CAPÍTULO 4

QUESTÕES DE INTERPRETAÇÃO FONOLÓGICA

Neste capítulo, enfocamos questões de análise sobre (1) os segmentos vocálicos epentéticos [u] posterior alto fechado arredondado, [ə] central médio fechado não-arredondado, [ẽ] central médio fechado nasalizado não-arredondado oral e [i] anterior alto fechado; (2) a interpretação fonológica de segmentos vocálicos nasalizados que não constituem fonemas nasais; (3) interpretação fonológica dos segmentos bilabiais fricativos surdos e sonoros [ɸ], [β] e labio-dentais surdos e sonoros [f], [v]; (d) o acento e os tipos silábicos em Akwen-Xerente e (4) as neutralizações entre os fonemas consonânticos oclusivos sonoros e fonemas nasais com ponto de articulação bilabial, [b] e [m], e alveolar, [d] e [n], e entre os fonemas /ɾ/ e /h/ e /s/ e /z/.

4.1. VOGAIS EPENTÉTICAS

Segundo Weiss (1988), as vogais epentéticas são transições vocálicas incidindo sobre juntas de segmentos consonânticos em sílabas, palavras ou enunciados maiores. As transições podem ser abertas ou fechadas. A transição aberta consiste num fone vocálico (da mesma sonoridade do fone consonântico) falado brevemente. Esse fone vocálico geralmente faz parte do fone consonântico e não constitui uma sílaba separada. A transição fechada, por sua vez, é quando há uma sequência de dois fones consonânticos sem transição vocálica (especialmente quando o primeiro fone consonântico é oclusivo) (Weiss, 1988, p. 62).

No caso do Akwen-Xerente, interpretamos como transição fonética os segmentos que podem facultativamente ocorrer entre consoantes. As transições que ocorrem são abertas e com os seguintes fones vocálicos: [u], [ə], [ẽ] e [i], dependendo dos fonemas vizinhos. Outra possibilidade de interpretação seria considerá-los como ocorrência de fonemas que podem sofrer queda em certos ambientes.

Como, entretanto, nos mesmos ambientes, há exemplos de fonemas vocálicos que não desaparecem, tornando a queda de vogais imprevisível, optamos pela interpretação como transições, pois, inversamente, é possível prever a qualidade da vogal epentética de acordo com o ambiente em que ocorrem.

O fato de existirem diferentes segmentos vocálicos epentéticos, possivelmente é resquício da queda de vogais que é reportada para o Akwen-Xerente, quando se compara com a língua Akwen-Xavante (MATTOIS, 1973, p.1).

A seguir, apresentamos os exemplos de vogais epentéticas:

- [ə] e [ẽ] ocorrem precedendo consoantes alveolares:

- (281) [kə>nê] /kne/ ‘pedra’
 (282) [kə>dî] /kdi/ ‘anta’
 (283) [wapə>nê] /wapnə/ ‘ n o s s o
 irmão’

- [u] ocorre entre consoante labial e velar:

- (284) [amu’kε] /amkε/ ‘cobra’
 (285) [pu’ku] /pku/ ‘lago’

- [i] ocorre entre labial e flap

- (286) [mirê] /mrə/ ‘mato’

4.2. VOGAIS NASALIZADAS

As vogais nasalizadas são fonemas orais que por causa do ambiente mais nasal se nasalizaram, diferentemente das vogais nasais propriamente ditas apresentadas na seção 2.1.2.

Do ponto de vista fonético, não há diferença entre as vogais que interpretamos como vogais nasais e entre as vogais nasalizadas apresentadas aqui. A opção pelos dois tipos de termos, nasais e nasalizados, foi adotada apenas para destacar suas diferenças funcionais.

Dessa maneira, todos os fonemas orais possuem alofonos levemente nasalizados:

- Exemplos de vogais nasalizadas:

- (287) [nrõu’da] /nrouda / ‘tucano’
 (288) [pə>nê] /pəne/ ‘veado mateiro’
 (289) [ku’nõ] /kuno/ ‘cobra de duas
 cabeças’

(290) [dap'nẽ] /dapnə/ 'irmão'

(291) [wanĩpkra'hi] /wanipkrahi/ 'nosso dedo'

4.3. INTERPRETAÇÃO FONOLÓGICA PARA OS SEGMENTOS CONSONÂNTICOS [ϕ], [β] E [f], [v]

O morfema /zare/ apresenta cinco tipos de realizações fricativas: sendo duas bilabiais, uma surda e a outra sonora [ϕ], [β], duas alveolares, também uma surda e a outra sonora [f], [v] e um fone aproximante. Abaixo, seguem-se os exemplos:

(292) [waza'ϕrɛ] ~ [waza'βrɛ] /zare/ 'algo de nós dois'

(293) [zaza'βrɛ] ~ [za'vrɛ] /zare/ 'deles dois'

(294) [za'vrɛ] ~ [za'ʋrɛ] /zare/ 'deles dois'

(295) [za'βrɛ] ~ [za'frɛ] /zare/ 'deles dois'

4.4. DITONGOS E OS GLIDES

Em Akwen-Xerente, os glides /w, j/ funcionam e são considerados consoantes, pois nunca ocupam pico silábico e também apresentam realização mais próxima do palato ou do véu-palato, como acontece com as consoantes.

Os glides podem ser caracterizados como vogais altas elevadas com função consonantal. Chomsky e Halle (1995, p. 20) definem os glides como sons [+soantes], ou seja, sons produzidos com uma configuração do trato vocal na qual é possível a sonorização espontânea; e não vocálicos, pois não constituem pico de sílabas.

Em Akwen-Xerente, os glides podem formar ditongos que podem ser crescentes ou decrescentes com o glide /w/ e somente decrescente com o glide [j]. As formas dos ditongos encontradas nos dados estão ilustradas a seguir:

- Ditongos crescentes

/wa/

(296) /hewa/ ‘céu’

/wẽ/

(297) /wawẽ/ ‘velho’

- Ditongos decrescentes

/iʷ/

(298) /kiʷrasu/ ‘corredeira’

/ɔʷ/

(299) /wakɔʷde/ ‘arco’

/aj/

(300) /ajhiDba/ ‘tua irmã’

/uj/

(301) /ajkujhõwadu/ ‘tua sobrancelha’

/əj/

(302) /təjkbuzi/ ‘relâmpago’

/oj/

(303) /wanojtɔ/ ‘nossa língua’

/ũj/

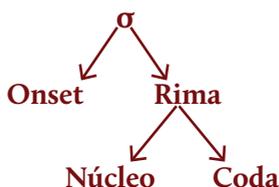
(304) /kupasũjkare/ ‘tipo de mandioca’

Há, ainda, nos nossos dados, alguns casos de ocorrência de sequência de três segmentos vocálicos distintos formando sílaba, o que nos permite interpretá-los como tritongos:

- (305) /wajkwakurẽ/ ‘pacu’
 (306) /wajteasiBhi/ ‘minha cunhada’
 (307) /wajkirewa/ ‘meu cunhado’

4.5. SÍLABA, PADRÕES SILÁBICOS E ACENTO EM AKWEN-XERENTE

Encontramos em nossos dados os seguintes padrões silábicos: V, VC, CV, CVC, CCV, CCVC.



	V			/u.de/	‘árvore’	
	VC			/rɔ.aH.ku/	‘vento’	
	C	V		/ki.kra.re/	‘córrego’	
	C	V	C	/sɔj.tɛ/	‘arara’	
	C	C	V	/waj.kwa.ku.krẽ/	‘pacu’	
	C	C	V	C	/tkaj.ku.knẽ/	‘tijolo’

Mattos, entretanto, aponta, além dessas, outras estruturas silábicas altamente complexas: VCC, CCCC, CCCCC, CCVC, CCVC, CCCVCC. Nos nossos dados, entretanto, as poucas

palavras apresentadas pelo autor para exemplificá-los não ocorrem, por isso não estamos incluindo esses padrões na nossa análise.¹⁶

Os padrões encontrados nos nossos dados podem ser vistos como um conjunto básico: **V**, **CV** e **CCV** e de um conjunto modificado pelo acréscimo de coda: **VC**, **CVC** e **CCVC**.

• **V e VC**

Apenas as vogais /a, u, i/ podem constituir o padrão sílabico **V**, que ocorre apenas em posição inicial de palavra:

(308) /ake/ ‘colar’

(309) /ude/ ‘árvore’

(310) /ipra/ ‘minha perna’

Note-se que algumas ocorrências de sílabas constituídas apenas por uma vogal, formando aparentemente um padrão **V** em posição não inicial de palavra, como se vê nos exemplos abaixo, devem ser interpretadas como sílabas **CV**, pois resultam da queda do fonema fricativo glotal /h/ entre vogais (SOUSA FILHO, 2007):

(311) [ude’hu] ~ [de’u] /udehu/ ‘cipó’

(312) [isa’hi] ~ [isa’i] /isahi/ ‘meu pêlo’

(313) [ipa’hi] ~ [ipa’i] /ipahi/ ‘minha asa’

O padrão **VC** é pouco frequente na língua. A posição de coda desse tipo de sílaba pode se realizar como: o glide /j/ e o arquivonema /H/:

(314) [ɾɔah’ku] /ɾɔaHku/ ‘vento’

(315) [ax’ka] /aHka/
 ‘mutum’

(316) [aj’kwa] /ajkwa/ ‘teu dente’

16. Pretendemos esclarecer, numa próxima viagem o campo, se as palavras documentadas por Mattos ainda são usadas pelos Akwen-Xerente.

• CV e CVC

Em Akwen-Xerente, **C** em posição inicial se caracteriza por uma classe de constituintes específicos: consoantes oclusivas, nasais, fricativas, flap e glide (**C = p, t, k, b, d, s, z, h m, n, r, w**). Note-se que, do conjunto de consoantes da língua, apenas /j/ não ocorre nessa posição.

O padrão **CV** é constituído por uma sequência de uma consoante da classe mencionada acima e de um dos fonemas vocálicos da língua. Esse padrão ocorre em qualquer posição de palavra.

• Exemplos:

(317) **Oclusiva** [ki.ka.'ka] /ki.ka.ka/ 'cachoeira'

(318) **Nasal** [mǎ.'ku] /mǎ.ku/ 'pato'

(319) **Fricativa** [he.'wa] /he.wa/ 'céu'

(320) **Flap** [rɔ.ah.'ku] /rɔ.aH.'ku/ 'vento'

(321) **Glide** [wa.'kõ] /wa.kõ/ 'quati'

A partir de alguns exemplos, podemos concluir que a tendência da língua é a formação de sílabas **CV**, já que o sistema da língua produz a inserção de fones consonânticos como: oclusivo velar [k], oclusivo alveolar ejetiva [t'] e fricativa glotal [h] para preencher a posição de onset silábico. A seguir, seguem-se os exemplos:

(322) [kwaz.da.'wa] /waS.da.wa/ 'nossa boca'

(323) [t'aj.sɛ] /ajt.sɛ/ 'teu ombro'

(324) [hajs.dawaza'vɾɛ] /ajS.da.wa.za.rɛ/ 'as bocas deles dois'

(325) [haj.krǎ.za'vɾɛ] /aj.krǎ.za.rɛ/ 'as cabeças deles dois'

(326) [hu.ahǎ] /wahǎ/ 'nossa pele'

(327) [kwat'brɛmĩ] /kwaTbrɛmi/ 'menino'

As sílabas **CVC** são poucos frequentes em Akwen-Xerente. A posição de coda pode ser preenchida pelos arquifonemas /B, D, H, S/ e os glides /w,j/:

(328) [ajsɔkremzu'kwa] ~ [ajsɔkrebzu'kwa]
 /aj.sɔ.kreB.zu.kwa/ 'teu tio'

(329) [dankre] ~ [dadkre] /daD.kre/ 'nariz'

(330) [wazda'wa] ~ [wasda'wa] /waS.da.wa/ nos-
 sa boca'

(331) [kiwra's:u] /kiw.ra.su/ 'corredeira'

• **CCV e CCVC**

Em um onset complexo, a segunda consoante pode ser os fonemas: /p/ em ambiente átono, /k/, /r/, /m/, /n/, /s/, o arquifonema /P/ em ambiente tônico e o glide /w/.

(332) [t^hpe'ka] /tpeka/ 'piaba'

(333) [t'ka] /tka/ 'terra'

(334) ['kri] /kri/ 'casa'

(335) ['mmĩ] /mmi/ 'lenha'

(336) [kə'ně] /kne/ 'pedra'

(337) [pse'di] /psedi/ 'está bem'

(338) [t'pe] ~ [tbe] /tPe/ 'peixe'

(339) [waptɔkwa] /waptɔkwa/ 'pai'

Em coda, nesse padrão silábico, ocorrem os glides /w/ e /j/, as consoantes /t/, além dos arquifonemas /B, D/.

• Exemplos:

(340) [wakrɔw'de] /wakrɔwde/ 'arco'

(341) [t'kajku'knē] /ajkukne/ 'tijolo'

(342) [kwat'brɛ:mĩ] /waTbrɛmi/ 'm e n i n o'
 mais um exemplo de onset preenchido. Inserir nos
 exemplos de preenchimento de onset

(343) [danõkremzu'kwa] /danokreBzukwa] 'tio'

(344) [dasikmãnk̃zɛ] ~ [dasikmãdk̃zɛ]
 /dasikməDk̃zɛ/ 'espelho'

As sílabas **CVCC** e **VCC** são poucos frequentes na
 língua:

(345) [dujs'ku] /dujSku/ 'brejo'

Concordamos com Mattos (1973, p. 2) que o padrão
 acentual em Akwen-Xerente é previsível, portanto pós-lexical. A sí-
 laba tônica é sempre a última da palavra:

(346) [ku'ba] /kuba/ 'canoas'

(347) [krẽ'ti] /krẽti/ 'formiga'

(348) ['si] /si/ 'pássaro'

(349) ['tpe] ~ ['tbe] /tPe/ 'peixe'

(350) [tpe'kra] /tpekra/ 'piaba'

Nos casos em que há formação de palavras com acrésci-
 mo de sufixos, o acento migra para a última sílaba:

(351) [kuba're] /kubare/ 'canoazinha'

(352) [krẽt^hi'tɔ] /krẽti'tɔ/ 'f o r m i g a
 tanajura'

(353) [si're] /sire/ 'passarinho'

(354) [tpe'kra] /tpekra/ 'piaba'

4.6. INTERPRETAÇÃO DE /P/, /B/ E /T/, /D/

A análise apresentada segue a proposta de Grannier e Souza (2005), como foi apresentada na seção (1.3. – Capítulo 1) e as descrições vocálicas e consonânticas feitas nos capítulos 2 e 3.

Ao analisar dados do Akwen-Xerente, percebe-se que há oposição entre duas séries de oclusivas surdas e sonoras, nos pontos de articulação bilabial (exemplos 77 e 78) e alveolar (exemplos 79 e 80):

(355) [ku'pa] 'mandioca'

(356) [ku'ba] 'canao'

(357) [wa'ti] 'apertar'

(358) [wa'di] 'o outro, outra pessoa (desconhecido)'

Além da situação evidenciada pelos pares mínimos acima, há variações entre [p] e [b] e entre [t] e [d], ambas as variações em grupo de consoantes tônico, que, aparentemente, contesta o seu caráter fonêmico:

(359) ['tpe] ~ ['tbe] 'peixe'

(360) [wanip'kta] ~ [wanip'kda] 'nossa unha'

A variação entre [b] e [m] e entre [d] e [n] também contribui para questionar o caráter fonêmico de /b/ e /d/:

(361) [da'bdu] ~ [ɔɾɔ'bdu] ~ [ɔɾɔ'mdu] 'pescoço'

(362) [ajsəkɾɛb'kwa] 'teu tio'

(363) [wanɔ̃kremzu'kwa] 'nosso tio'

(364) [wadpkra'hi] ~ [wanpkra'hi] 'nosso dedo'

Devido a essas variações, Mattos (1973) analisa esses segmentos como alofones de um mesmo fonema. No entanto,

propomos outra análise baseando-nos nas ocorrências, bem delimitadas, das possíveis variantes. Como os exemplos (81) e (82) demonstram, as variações entre os segmentos [p], [b] e [t], [d] ocorrem somente em sílaba tônica.

Entretanto, a partir da evidência de contraste entre [p] e [b] e entre [t] e [d] e, por outro lado, da variação desses segmentos em grupos consonânticos, podemos propor a seguinte interpretação: o contraste das oclusivas se concretiza em ataque silábico. No entanto, em grupos consonânticos tônicos¹⁷ não há oposição e, torna-se necessário explicar a situação.

[p] ~ [b] _____ CV / [t] ~ [d] _____ CV

Portanto, consideramos [p], [b] e [t], [d] como fonemas distintos em onset silábico, mas que variam em coda silábica na posição de sílaba tônica. Dessa maneira, postulamos que em grupo tônico, os segmentos são realizações dos arquifonemas /P/ e /T/.

(365) [ˈtbe] ~ [ˈt^hbe] ~ [tpe] /tPe/ ‘peixe’

(366) [ihiˈkda] /ihikTa/ ‘meu avô’

(367) [ihĩˈkta simpiˈkõ] /ihikTa simpikõ/
‘minha avó’

(368) [ˈkdã] /kTã/ ‘anta’

(369) [ktãˈhã] /ktãˈhã / ‘pele da
anta’

17. Note-se que as palavras em que há variação [p] e [b] e entre [t] e [d] são aquelas que resultam historicamente da queda de vogal, fazendo com que haja a formação de grupo consonântico, o caráter fonológico não se efetua, ocorrendo a variação. Para a palavra ‘peixe’, na língua Akwen-Xavante, tem-se [teˈpe], na qual se vê claramente a realização da vogal. Assim, pode-se dizer que, em fase anterior, havia uma vogal também em Akwen-Xerente, na qual, por uma regra geral da língua, os segmentos vocálicos vêm se perdendo. Corroborando com essa análise, o fato de em Akwen-Xavante, não haver variação entre [p] e [b], devido a não construção de grupo consonântico, pois a vogal não caiu como em Akwen-Xerente:

Akwen-Xavante: [teˈpe] ‘peixe’

Akwen-Xerente: [tpe] ~ [tbe] ‘peixe’

4.7. RELAÇÃO DAS OCLUSIVAS SONORAS COM AS NASAIS

No trabalho de Mattos (1973), em um primeiro momento, ele considera que os sons [d]/[n] e [b]/[m] estão em distribuição complementar, já que, segundo ele, os fones [d]/[b] e [n]/[m] só se realizam junto de vogal oral e nasal respectivamente. Para os casos em que aparentemente a distribuição complementar seria inviabilizada pela oposição em coda. **Mattos** sugere a aplicação de uma regra de queda de vogais para explicar as realizações encontradas. Dessa forma, o autor afirma que algumas vogais orais que estão juntas do som [d] caem, o mesmo acontecendo com algumas vogais nasais junto do som [n]:

(370) [dadk^he] ‘morto’

(371) [danka] ‘cães’

(372) [danõjto] ‘língua’

Diante dessa argumentação contraditória de Mattos, adotaremos a proposta de Grannier e Souza (2005), para a identificação da oposição dos fones [b], [m] e [d], [n] que contrastam em onset silábico, como atestam os pares mínimos para a oposição [d] e [n] (v. seção 4.2.1.1. – oposições fonológicas), para a oposição [b] e [m], seguem os exemplos abaixo:

• /b/

• /bakɾɛ/ ‘esfregar’

(373) /kuba/ ‘canoa’

• /m/

(374) /iskumite/ ‘banhar-se’

Apesar da afirmação de oclusivas sonoras e nasais serem fonemas distintos, há casos em que ocorre variação entre esses segmentos:

• [b] ~ [m]

(375) pescoço - [da'bdu] ~ [ɔɾɔ'mdu]

(376) teu tio - [ajsɔkrebkwa]

(377) nosso tio - [wanõkremzu'kwa]

• [d] ~ [n]

(378) nosso dedo - [wadpkra'hi] ~ [wanpkra'hi]

A variação entre esses fones é uma neutralização da oposição em coda silábica, por isso consideraremos que nesse ambiente, as variações entre [b] ~ [m], [d] ~ [n] são realizações do arquifonema /B/ e /D/.

4.8. NEUTRALIZAÇÃO DE /h/ E /r/ E DE /s/ E /z/

Ocorre uma neutralização da oposição entre os fonemas fricativo glotal e flap alveolar /h/, /r/ em coda silábica, tornando-se, nesse ambiente, realizações do arquifonema /H/. O mesmo fenômeno ocorre com os fonemas fricativos alveolares surdo e sonoro /s/, /z/ que em coda silábica são realizações do arquifonema /S/. Abaixo seguem-se os exemplos (27) e (28) que exemplificam a neutralização de /h/ e /r/ e os exemplos (29) e (30) que exemplificam a neutralização de /s/ e /z/:

(379) [dazɛpaɾkwa] ~ [dazɛpaɾkwa] ~ [dazɛpah'kwa] /dazɛpaHkwa/ 'mãe'

(380) [ax'ka] ~ [aɾka] ~ [ah'ka] ~ [ar'ka]
/aHka/ 'mutum'

(381) [dasda'wa] ~ [dazda'wa] /daSdawa/
'boca'

(382) [ajsdeɾkwa] ~ [ajzdeɾkwa] /ajSdeɾkwa/
'teu irmão mais velho'

A situação dessas neutralizações e a possibilidade de postular os arquifonemas correspondentes se deve possivelmente à influência da língua portuguesa, na qual encontramos os mesmos fenômenos.

Por outro lado, fatos subfonêmicos como a variação entre [t] e [tʃ] e entre [d] e [dʒ], tratados nas seções 4.2.1.2 e 4.2.1.3, também são encontrados em português, assim como as neutralizações suprafonêmicas que permitem a identificação dos arquifonemas /H/ e /S/, possibilita-nos considerar uma possível influência do português na língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta seção, apresentamos algumas considerações gerais da análise fonético-fonológica das vogais e consoantes do Akwen-Xerente desenvolvidas durante a pesquisa aqui exposta. Certificamos que as conclusões apresentadas nesse livro estão longe de ser completas e, evidentemente, estudos futuros poderão ampliar a discussão em torno dos aspectos fonético-fonológicos da língua Akwen-Xerente.

Nos capítulos 1 e 2, respectivamente, relatamos algumas das características culturais do grupo Akwen-Xerente e fizemos uma revisão bibliográfica dos estudos sobre fonética e fonologia da língua já realizados. Percebemos a relevância dos trabalhos, pois são pioneiros na descrição linguística do Akwen-Xerente.

Nos capítulos seguintes, apresentamos uma descrição fonético-fonológica da língua, numa perspectiva sincrônica: primeiramente a descrição das vogais, na qual identificamos várias ocorrências de fones vocálicos. Na análise fonológica, foram descritas as ocorrências de todos os fones vocálicos, chegando-se às seguintes vogais do Akwen-Xerente: orais /i, i̇, u, e, ə, o, ε, ɔ, a/ e nasais /ĩ, ã, ẽ, õ, õ̃/, além da descrição dos alofones desses fonemas. Num segundo momento, fizemos a descrição fonético-fonológica das consoantes, na qual ocorreram os seguintes fones consonânticos: [p], [p̣], [p̣ʰ], [b], [ḅ], [t], [ṭ], [ṭʰ], [ṭʰ], [d], [ḍ], [ḍʒ], [k], [ḳ], [ḳʰ], [ḳʰ], [ʔ], [g], [β], [ϕ], [f], [v], [s], [s:], [z], [z:], [ʃ], [ʃ], [x], [ɣ], [h], [ɦ] [m], [ṃ], [n], [ṇ], [ŋ], [l], [r], [ɹ]. De acordo com a análise fonológica proposta por nós, os fonemas consonânticos do Akwen-Xerente são: /p, t, k, b, d, g, m, n, s, z, r, h, w, j/. Foram descritas todas as ocorrências dos fonemas consonânticos e seus alofones.

Em seguida, nas considerações finais focamo-nos na interpretação fonológica dos segmentos considerados problemáticos para a análise. Assim, foram analisados os seguintes pontos: interpretação dos segmentos vocálicos epentéticos [u] posterior alto fechado arredondado, [ə] central médio fechado não-arredondado, [ẽ] central médio fechado nasalizado não-arredondado oral e [ĩ] anterior alto fechado; interpretação fonológica de segmentos vocálicos nasalizados que não constituem fonemas nasais; interpretação fonológica dos segmentos bilabiais fricativos surdos e sonoros [ϕ], [β] e labio-dentais surdos e sonoros [f], [v]; descrição do acento como pós-lexical e dos tipos silábicos, cuja tendência da língua é a

construção de sílaba CV, preenchendo a posição de onset silábico com os segmentos consonânticos [k], [t] e [h] e por último as neutralizações entre os fonemas consonânticos oclusivos surdos e sonoros e entre oclusivos sonoros e nasais correspondentes, todos com ponto de articulação bilabial ou alveolar, além das neutralizações entre /r/ e /h/ e /s/ e /z/.

Para estudo posterior, entende-se a necessidade de ampliação do *corpus*, que incluía também um maior número de falantes provindos de outras aldeias, a partir do qual se possam melhor observar as variações da língua Akwen-Xerente e as regularidades do sistema dessa língua. Esta ampliação irá possibilitar, ainda, tratar do estudo do léxico do Akwen-Xerente, visando à confecção de um dicionário bilíngue Akwen-Xerente – Português, com o qual os falantes possam contar para auxiliar nos projetos de educação e aprendizagem da sua língua materna e do português como segunda língua.

Visto que a língua apresenta uma grande quantidade de formas variantes de difícil interpretação, pretendemos, dentro de alguns anos, fazer nova coleta de dados para realizar uma revisão desta análise fonológica a fim de verificar a situação dessas variações.



REFERÊNCIAS

- ALVES, F. C. *Aspectos fonológicos do Apãniekrá (Jê)*. Dissertação de Mestrado: Universidade de São Paulo, 1999.
- _____. *Sistema fonológico do Timbira Apãniekrá (Fonemas, Sílabas e acento)*. In. RODRIGUES, A. D. & CABRAL, A. S. (orgs.). *Línguas e Culturas Macro-Jê*. Brasília: Editora da UnB, p. 45-55, 2007.
- BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- BRAGGIO**, S. L. B. *Situação sociolinguística dos povos indígenas do Estado de Goiás e Tocantins: subsídios educacionais*. Revista do Museu Antropológico. Goiânia, v. 1, n. 1, p. 1-61, janeiro/dezembro, 1992.
- _____. *Aquisição e uso de duas línguas: variedades, mudança de código e empréstimo*. Boletim da ABRALIN, n. 20 (volume especial dedicado a Aryon D. Rodrigues e organizado por Adair P. Palácio). Alagoas: UFAL, 1997.
- _____. *Contato entre línguas: subsídios para educação escolar indígena*. Revista do Museu Antropológico. Goiânia, v. 2, n. 1, p. 8-38, 1998.
- _____. *A instauração da escrita entre os Xerente: conflitos e resistências*. V JORNADAS INTERNACIONALES DE LENGUAS Y CULTURAS AMERINDIAS, de 8 a 12 de novembro na Universidad de Valencia, Espanha, 1999.
- _____. *A instauração da escrita entre os Xerente: conflitos e Resistências*. Revista do Museu Antropológico. Goiânia v. 3 e 4, n. 1, p. 9-45, 2000.
- _____. *Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção*. Revista do Museu Antropológico. Goiânia, v. 5 e 6, p. 9-54, 2002.
- _____. *Políticas e direitos linguísticos dos povos indígenas brasileiros*. Sigmófica. Goiânia, v. 14, n. 1, p. 129-146, 2003.
- _____. *Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção: documentação, tipologias sociolinguísticas e educação escolar*. Atas do II

- Encontro Nacional do GELCO. Brasília: UnB, 2003.
- _____. *Um estudo tipológico-sociolinguístico dos Xerente Akwen: questões de vitalização*. In: BERGEMANN DE AGUIAR, O. (org.). Região, Nação e Identidade. Goiânia: Agepel, p. 165-183, 2005
- _____. *Revisitando a fonética/fonologia da língua Xerente Akwen: uma visão comparativa dos dados de Martius (1866) a Maybury-Lewis (1965) com os de Braggio (2004)*. Revista Signótica. Goiânia, v. 17, n. 2, p. 251-273, julho/dezembro, 2005.
- _____. *Reflexões sobre os empréstimos do tipo loanblend e direto na língua xerente akwen*. Revista de Estudos Linguísticos, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 87-100, jan./jun. 2010.
- _____. *As diferentes situações sociolinguísticas e os tipos dos empréstimos na adição do português ao xerente akwén: fatores positivos e negativo*. LIAMES 12 - pp. 157-177, 2012.
- BRINGHURST, R. *A Forma Sólida da Linguagem*. Tradução Juliana A. Saad. Salvador: Rosari, 2010.
- CASTRO, E. V. *Antropologia do Parentesco*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.
- CÂMARA JR., J. M. *Manual de Transcrição Fonética*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1959.
- _____. *Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras*. Museu Nacional: Rio de Janeiro, 1965.
- CAVALCANTI, M. C. & BORTONI-RICARDO, S. M. (orgs.). *Transculturalidade, linguagem e educação*. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, 2007.
- CHOMSKY, N. & HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. Cambridge: MASS MIT PRESS., 1995.
- Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 2013. Disponível em:
http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_05.10.1988/CON1988.pdf

- CRYSTAL, D. *Language death*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- DAVIS, I. *Comparative Jê Phonology*. Revista Brasileira de Linguística Teórica e Aplicada. São Paulo, v. 1, n. 1. Centro de linguística aplicada, 1966.
- FARIAS, A. T. P. & SILVA, A.L. *Pintura corporal e sociedade: os “partidos” Xerente*. In: Grafismo Indígena: estudos de antropologia estética, Luz Vidal (org.). São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- FILHO, S. M. S. *Aquisição do português oral pela criança Xerente*. Dissertação de mestrado: Universidade Federal de Goiás, 2000.
- _____. *Construções Possessivas em Akwen-Xerente (Jê)*. In.: Revista de Estudos Linguísticos XXXIV, p. 569-574, 2005.
- _____. *Aspectos morfossintáticos da língua Akwen-Xerente*. Tese de Doutorado: Universidade Federal de Goiás, 2007.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.
- GARCIA, M. S. *Uma Análise Tipológica Sociolinguística na Comunidade Indígena Terena de Ipegue: Extinção e Resistência*. Tese de Doutorado: Universidade Federal de Goiás, 2007.
- GUILLES, H. & SAINT-JACQUES, B. (orgs.). *Language and ethnic relations*. London: Pergamon Press, 1979.
- GOLDSMITH, J. A. (org.). *The handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.
- GRANNIER**, D. M. Estrutura Silábica e Nasalização em Akwen-Xerente. Signótica. Revista Signótica, Goiânica, v. 21, n. 2, p. 245-278, 2005.
- GRANNIER**, D. M. & SOUZA, S. L. *Fonologia Segmental da Língua Xerente*. Trabalho apresentado no Simpósio Integrado de Letras “Linguagem: múltiplos olhares” Análise do Discurso/Educação e Línguas Indígenas/Gramática Funcional/Lírica e

- Contemporaneidade: Percursos. Goiânia: Faculdade de Letras, 2005.
- GUIMARÃES, S. M. G. *A Aquisição da Escrita e Diversidade Cultural: a prática de professores Xerente*. Dissertação de Mestrado: Universidade de Brasília, 1996.
- HINTON, L. *Language revitalization: an overview*. In.: HINTON, L.; HALE, K. (eds.). *The green book of language revitalization*. New York: Academic Press, 2001.
- JAKOBSON, R., FANT, G. & HALLE, M. *Preliminaries to Speech Analysis*. Cambridge, MA: MIT Press, 1952.
- KRIEGER, W. B. E KRIEGER, G. C. *Dicionário Escolar: Xerente-Português Português-Xerente*. Rio de Janeiro: Junta das Missões da Convenção Batista Brasileira, 1994.
- LADEFOGED, P. *Vowels and Consonants: An introduction to the sounds of languages*. Oxford: Blackwell Publishers, 2001.
- LADEFOGED, P. e MADDIESON, I. *The sounds of the world's languages*. Oxford: Blackwell, 1996.
- LEVI-STRAUSS, C. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1952
- LUZ, E. M. *Em Busca do Passado Perdido: uma análise estruturalista dos mitos sobre três heróis culturais Akwen-Xerente*. Dissertação de Mestrado: Universidade de Brasília, 2005.
- _____. *Os heróis civilizadores na cosmologia Akwen-Xerente*. In.: RODRIGUES, A. D. & CABRAL, A. S. (orgs.). *Línguas e Culturas Macro-Jê*. Brasília: Editora da UnB, 2007.
- MAYBURY-LEWIS, D. *A sociedade Xavante*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1984.
- MESQUITA, R. *Empréstimos linguísticos do português em Xerente Akwen*. Dissertação de mestrado: Universidade Federal de Goiás, 2009.
- MOI, F. P. *Os Xerente: um enfoque etnoarqueológico*. São Paulo/Porto Seguro: AnnBlume, 2007.

- MEIRELLES, V. A. G. *Aspectos fonológicos do contato entre o português e o espanhol na cidade de Sant'ana do Livramento-Rivera*. Dissertação de Mestrado: Universidade de Brasília, 2006.
- MELATTI, J. C. Índios do Brasil. São Paulo: Hucitec, 1989.
- MESQUITA, R. e BRAGGIO, S. L. *Obsolescência linguística em Xerente Akwen*: diglossia, empréstimo e *codeswitching*. Signótica, Goiânia, v. 24, n. 2, p. 493-518, jul./dez. 2012.
- NIMUENDAJÚ, C. *The Serente*. Tradução do manuscrito de Robert Lowie. Los Angeles, 1942.
- PESSOA, K. N. *Fonologia Taurepang e comparação preliminar da fonologia de línguas do grupo Pemónq (Família Caribe)*. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal de Pernambuco, 2006.
- PIKE, K. *Phonetics*: a critical analysis of phonetic theory and a technique for the practical description of sounds. SIL, 1943.
- _____. *Phonemics*: A technique for reducing languages to writing. University of Michigan Publications Linguistics. Ann Arbor: University of Michigan, 1947.
- PIMENTEL DA SILVA, M. S. *Fronteiras etnoculturais*: educação bilíngue e intercultural e suas implicações. In.: ROCHA, L. M. e GRANT, S (orgs.). *Fronteiras e espaços interculturais: transnacionalidade, etnicidade e identidades em regiões de fronteiras*. Goiânia: Editora da UCG, 2008, 109-119 p.
- REIS, F. C. O. *Aspectos do Contato e formas socioculturais da sociedade Akwen-Xerente*. Dissertação de Mestrado: Universidade de Brasília, 2001.
- RODRIGUES, A. D. *Línguas Brasileiras*: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- _____. *Tarefas da Linguística no Brasil*. Estudos Linguísticos: Revista Brasileira de Linguística Teórica e Aplicada. São Paulo, Vol. 1, N.º 1, 1966.

- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1857-1913
- SCHROEDER, I. *Os Xerente: estrutura, história e política*. Sociedade e Cultura. Goiânia, v. 13, n. 1, p. 67-78, jan./jun. 2010.
- SIQUEIRA**, K. M. F. *Aspectos do substantivo na língua Xerente*. Dissertação de mestrado: Universidade Federal de Goiás, 2003.
- SOUSA FILHO**, S. M. *Aquisição do português oral pela criança Xerente*. Dissertação de mestrado: Universidade Federal de Goiás, 2000.
- _____. *Morfossintaxe da língua Akwen-Xerente (Jê)*. In: **BRAGGIO**, S. L. B. Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção: documentação (descrição e análise) e tipologias sociolinguísticas. Projeto de Pesquisa CNPq, processo 501337/2003-2. Goiânia: UFG, 2003.
- _____. *Construções possessivas em Akwen-Xerente (Jê)*. Trabalho apresentado no 52o. Seminário do GEL. Campinas-SP: Unicamp, 2004a.
- _____. *Aspectos morfossintáticos do nome Xerente (Jê)*. Trabalho apresentado em Colóquios Linguísticos do Museu Antropológico. Goiânia: UFG, 2004b.
- _____. *Aspectos morfossintáticos da língua Xerente*. I **CONPEEX** - I Congresso Pesquisa, Ensino e Extensão da UFG. Goiânia: UFG, 2004c.
- _____. *Categorias morfossintáticas e semânticas do nome xerente: número, gênero e grau*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN (4.: 2005) / Anais do IV congresso internacional da ABRALIN. -- Brasília: [s.n.], 2005. p. 671-680.
- _____. *Aspectos Morfossintáticos da Língua Akwen-Xerente*. Tese de doutorado: Universidade Federal de Goiás, 2007.
- SOUZA, S. *Descrição Fonético-Fonológica da Língua Akwen-Xerente*. Dissertação de mestrado: Universidade de Brasília, 2008.
- TROUBETZKOY, N. S. *Principes de Phonologie*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1949.

- VIEIRA**, R. P. F. *O papel da língua nativa na aquisição de uma segunda língua escrita na escola indígena Xerente, Waikarnãse*. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal de Goiás, 2005.
- WEISS**, H. *Fonética Articulatória: Guia e Exercícios*. Brasília: SIL, 1980.

SOBRE O AUTOR

Mestre em Linguística, pela Universidade de Brasília – UnB e aluno do doutorado em Linguística, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. É graduado em Letras-Português do Brasil como Segunda Língua, pela UnB. Foi professor efetivo da educação básica – Ensinos Fundamental e Médio – na Secretaria de Educação de Goiás – Seduc-GO, lecionando a disciplina de Língua Portuguesa. Nesse mesmo tempo, atuava no Centro Universitário do Planalto Central – Uniplan, ministrando as disciplinas de Fonética e Fonologia no curso de Fonoaudiologia e Língua Portuguesa no curso de Farmácia. Atualmente, é Professor Assistente II de Linguística e Língua Portuguesa no Centro de Educação, Letras e Artes da Universidade Federal do Acre – Cela Ufac. Suas principais áreas de atuação são: teoria e análise linguística (Fonética Fonologia e Morfossintaxe de línguas indígenas como Xerente-Jê e Jaminawa-Pano), ensino de Língua Portuguesa como L1 L2, Gêneros Textuais e Análise do Discurso de sobre homossexuais nas mídias eletrônicas.



ε ∫ β a |
| 3 i o r



Edufac